



**ACADEMIA MILITAR**  
**DIRECÇÃO DE ENSINO**  
**CURSO DE INFANTARIA**

**Trabalho de Investigação Aplicada**

**A FORTALEZA DE ALMEIDA E O EIXO DA BEIRA**

**Filipe dos Santos Morais de Pina**

**Orientador: TCor Nuno Correia Barrento de Lemos Pires**

**Lisboa, Agosto de 2010**



**ACADEMIA MILITAR**  
**DIRECÇÃO DE ENSINO**  
**CURSO DE INFANTARIA**

**Trabalho de Investigação Aplicada**

**A FORTALEZA DE ALMEIDA E O EIXO DA BEIRA**

**Filipe dos Santos Morais de Pina**

**Orientador: TCor Nuno Correia Barrento de Lemos Pires**

**Lisboa, Agosto de 2010**

Àqueles que lutaram pelo Reino  
e permitiram que hoje escreva em português.

## Índice geral

Introdução.....	1
1. Massena e o Exército de Portugal.....	7
2. O Eixo da Beira.....	13
a) Relevo.....	14
b) Vegetação.....	16
c) Hidrografia.....	17
d) Natureza do solo.....	19
e) Alterações resultantes da acção do Homem.....	19
f) Condições climatéricas.....	24
3. A Fortaleza de Almeida.....	27
4. O ataque a Portugal.....	31
a) Preparativos de Massena.....	31
b) A defesa de Portugal.....	33
c) <i>Ciudad Rodrigo</i> – Cerco e capitulação.....	35
d) Combates na fronteira.....	37
e) Cerco e capitulação de Almeida.....	38
f) Rumo a Viseu.....	41
5. Resultados.....	45
6. Conclusões.....	51
Referências bibliográficas.....	60
Anexos.....	62
Anexo A.....	*
Anexo B.....	*
Anexo C.....	*
Anexo D.....	*
Anexo E – Almeida.....	I
Anexo F – Revelim e baluartes de S. João de Deus e S. Francisco.....	II
Anexo G – Revelim e Porta de Stº António.....	III
Anexo I – Margens do Côa .....	IV
Anexo H – Ponte do Côa .....	V
Anexo J – Trincheiras em volta de Almeida.....	VI

\*Anexo destacável

## Resumo

A escolha do Eixo da Beira tornou-se uma das mais importantes decisões da Campanha comandada por Massena em Portugal. Esta e as demais Invasões francesas em Portugal são um marco incontornável na história do País. Muito se tem debatido acerca destas campanhas; Quantas foram? Quando começaram? Até o conceito “Invasões” tem suscitado discórdia entre historiadores.

Alcançar e ocupar a capital dum país é normalmente o objectivo estratégico duma invasão. Se na Campanha que comandada pelo general Junot chegar rapidamente a Lisboa foi um objectivo facilmente identificável; a invasão do general Soult já requer uma análise mais cuidada dos factos para o perceber.

Neste ano em que se comemoram 200 anos da Campanha comandada pelo general Massena, esta investigação incide sobre alguns dos factores que influenciaram os comandantes e tomar determinadas decisões.

As escolhas relacionadas com a selecção do eixo de entrada em Portugal, a aproximação a Viseu, os primeiros confrontos, a importância das praças de Almeida e Ciudad Rodrigo são alvo de estudo nesta investigação. Enlevam-se sobretudo as decisões tácticas e as suas repercussões na campanha.

São apresentadas várias modalidades de acção possíveis para um determinado episódio e procura-se, fazendo uso dos instrumentos actuais, determinar aquela que seria a mais acertada.

Palavras-Chave: ALMEIDA; VISEU; EIXO DE APROXIMAÇÃO; MASSENA; WELLINGTON

## Abstract

Choosing the Axis *Beira* has revealed being one of the most important choices in the Campaign commanded by Massena. This particularly one and the rest of Portugal invasions by french troops are an incontestable event in the country's history. It's been discussed a lot these campaigns; How many? When did they start? Even the concept of "Invasion" is not accepted by all historians.

Reach and occupy a country's capital is, most of the times, the strategic objective of an Invasion. In the Campaign commanded by general Junot take Lisbon firstly was an identifiable objective; although, Soult's invasion require an detailed analysis of the facts to understand it.

This year, when the bicentenary of the General Massena's Invasion to Portugal is celebrated, this investigation studies the factors that took commandants to decide in a way instead of another.

Choices related to the selection of the entry axis into Portugal, first combats, the importance of Almeida and Ciudad Rodrigo's fortresses are object of this study. Tactical decisions and its repercussions during the campaign are the principal target that this investigation tries to achieve.

More than one course of action are presented in order to respond to tactical problem and, using modern instruments, the objective is find out which one was the most correct.

Key–Words: ALMEIDA; VISEU; APROXING AXIS; MASSENA; WELLINGTON.

## Introdução

Numa época de comemorações do bicentenário das invasões francesas e depois de muito se dissertar sobre a situação política e estratégica de Portugal, surgem algumas dúvidas de carácter técnico que, de alguma forma, são ofuscadas pelas questões a montante. Algumas dessas dúvidas prendem-se com questões focalizadas em determinados núcleos específicos de conhecimento. Entre muitos outros, o saber sociológico (relacionado com a reacção das populações directamente afectadas pela acção das tropas francesas), a micro-economia e as repercussões a este nível das invasões, a antropologia cultural com todo o legado deixado pelos franceses e, como no caso em questão, o saber militar relacionado com uma acção específica ou uma operação bem delimitada no espaço e tempo.

Muito já se opinou acerca das políticas de Napoleão para a Península Ibérica e, tendo como base documentos e factos históricos, conhece-se o *ardor* do Imperador em conquistar Portugal.

Portugal apresenta-se como um objectivo altamente remunerador, quer pela sua posição geoestratégica quer pelas relações que mantínhamos por esta altura com a Inglaterra. Estes factores, potenciados por alguma síndrome de vingança resultante da participação portuguesa na campanha do Rossilhão<sup>1</sup>(1793-1795), levam então o Imperador Bonaparte a querer, a todo o custo, conquistar Portugal.

Numa primeira abordagem indirecta a Portugal, França impele o recém-aliado espanhol a invadir Portugal na Guerra das Laranjas (1801) que pode ser considerado, na realidade, a primeira invasão francesa. (Vicente, 2000) Esta termina com a assinatura do Tratado de Badajoz (6 de Junho de 1801) que obrigava Portugal a pagar pelos danos causados a Espanha, sendo que esta conservaria a praça de Olivença e Portugal e fecharia ainda os portos às embarcações britânicas cumprindo assim parte dos objectivos franceses de isolar Portugal ao apoio inglês. A recusa portuguesa em acatar os termos do Tratado leva a que em 1807 nova invasão fosse levada a cabo pelos franceses, desta feita numa tentativa clara de alcançar rapidamente Lisboa e capturar o príncipe regente para controlar o país. Porém, muito embora se tenha cumprido a ocupação de Lisboa, o Príncipe retira-se estrategicamente para o Brasil e evita a captura da família real<sup>2</sup>. Com o exército de Junot em defensiva nas linhas de alturas de Torres Vedras, aquém Sizandro,

---

<sup>1</sup> A Campanha do Rossilhão acontece no decorrer duma aliança de Países a quem França declara guerra e em que Portugal entra por ser aliado de Inglaterra.

<sup>2</sup> Evitando também episódios como o da abdicação de Baiona em que a família real espanhola é obrigada a abdicar do trono em condições pouco dignas.

evitando o ataque das tropas comandadas por Sir Arthur Wellesley, é assinada a Convenção de Sintra (30 de Agosto de 1808) com repercussões vergonhosas para Portugal<sup>3</sup>.

Em Fevereiro de 1809, depois de confrontos na Corunha entre ingleses e franceses<sup>4</sup>, o general Soult recebe ordens para marchar sobre um país recentemente saqueado e cuja família real se encontra no Brasil. Esta invasão baseia-se nos factos de que há tropas francesas operacionais no Norte de Portugal e, visto que a coroa está numa província ultramarina, a emergência da conquista da capital é relativa, podendo assim passar para segundo plano. Deste modo fica facilmente gizada uma invasão por Norte, conquistando o Porto e seguindo pela costa até à capital.

Frente ao General Francisco da Silveira e à acção eficaz das milícias e ordenanças portuguesas, as tropas francesas foram isoladas de recursos e reforços e o General Soult obrigado a retirar de Portugal.

Até aqui é fácil o entendimento histórico dos factos, pautados por uma série de avanços e recuos, pequenas derrotas, convenções e armistícios, retiradas estratégicas e acções militares relativamente simples de compreender. Porém, Portugal era um recanto geográfico com elevada importância estratégica que permanecia imune ao governo imperial de Napoleão.

Após um conjunto de contratempos, mobilizações e planos (que serão escapelizados no decorrer desta investigação), Napoleão nomeia um dos seus mais competentes Marechais, André Massena, e cria a 17 de Abril de 1810 o *Armée du Portugal*.

As instruções do Imperador são para que se coloquem os Corpos de Exército junto à fronteira, prontos para entrar em Portugal mas dispostos de forma a entrar em defensiva em caso de ataque por parte do exército Luso-britânico.

O Exército de Portugal estava então posicionado materializando uma ameaça sobre Portugal pela Beira e pelo Alentejo.

A partir daqui a História é por todos conhecida: Massena comanda o seu Exército e entra pela fronteira da Beira Alta procurando seguir o Eixo até Lisboa. O ataque dá-se seguindo este Eixo da Beira, ficando as restantes alternativas de invasão por concretizar.

---

<sup>3</sup> À altura da Convenção de Sintra, o comandante das forças aliadas era Hew Dalrymple e não Wellesley (embora este a assine sem total conhecimento do conteúdo), o que se revelará catastrófico para Portugal (Henriques, 2002). Os franceses podem retirar de Portugal na esquadra inglesa com tudo aquilo que considerem sua propriedade.

<sup>4</sup> Soult trava a Batalha da Corunha contra o Corpo expedicionário de Sir John Moore que procura embarcar os seus homens em segurança



Aquilo a que me proponho no decorrer desta investigação é descobrir a resposta a algumas das dúvidas supracitadas, de carácter mais técnico no âmbito da táctica militar.

Assim assumo, como finalidade desta investigação, procurar a razão das escolhas de Napoleão para a terceira invasão a Portugal, nomeadamente as relacionadas com a escolha do Eixo.

Como questão central, pretendo avaliar se o confronto de Almeida se constitui como episódio fundamental no retardar das tropas francesas e, consequentemente, para o término da construção das Linhas de Torres.

Outras questões derivadas prendem-se sobretudo com a forma como decorre o início da Operação. Refiro-me a decisões tácticas e acontecimentos que de alguma forma influenciaram o seu decorrer.

Sendo Portugal um objectivo tão importante para França, quais as razões que levaram a que não fosse Napoleão em pessoa a comandar o Exército de Portugal? E seria diferente se assim fosse? Em quê? Hipoteticamente, que peso terão tido os conselhos dos oficiais portugueses ao serviço de França?

É imperativo estudar o episódio de Almeida e abordá-lo segundo várias vertentes. Sabendo que Almeida resistiu durante 18 dias, terão sido estes vitais para o retardamento planeado por Wellington? Ou por outro lado, caso Massena decidisse contornar a Praça, o atraso seria semelhante, tornando assim a Batalha em Almeida um desafortunado golpe do destino? E se assim fosse haveria outros eixos capazes de receber uma invasão daquela escala?

Incluem-se diversas hipóteses para resposta a estas questões:

O estudo táctico do terreno levou o Imperador a decidir de determinada forma em certas ocasiões específicas do planeamento da Operação, sonhando essa investigação a Massena e ao seu Estado Maior procurando, apesar de à distância, ter em si o comando. Será então necessário fazer um estudo semelhante da zona de actuação utilizando, desta feita, ferramentas actuais para análise de terreno de forma a clarificar que o Eixo da Beira foi realmente a melhor escolha.

Sabe-se, por outro lado, que questões pessoais (ou de natureza semelhante) apoquentavam o Imperador nessa altura.

Almeida já fora, em tempos, um importante ponto de partida para investidas sobre Portugal; desta vez, os factos afiguram-se de forma a que pareça que Napoleão tenha planeado para ela a base de ataque para o início da progressão segundo este eixo e,

assim sendo, o avanço sobre Almeida era vital para o cumprimento do plano inicial.

## Metodologia

É incontornável, numa investigação destas, fazer um estudo do IPB<sup>5</sup> do Eixo utilizado; os resultados deste levar-nos-ão a algumas reflexões sobre o ataque a Portugal que englobarão as táticas, os combates na fronteira e o início da progressão até Viseu. O IPB debruçar-se-á sobre os seus aspectos habituais com especial enfoque nos itinerários seguidos e nos fortes e fortalezas atravessados, escarpelizando mormente os acontecimentos da praça de Almeida.

As ferramentas utilizadas foram, sobretudo, cartas topográficas e mapas. Procuraram-se documentos cartográficos contemporâneos da época em estudo para melhor perceber o terreno real dos combates. Quando esses mapas não existiam, a solução passou obrigatoriamente pelo reconhecimento no local. Há formas de terreno que não se alteram com o tempo, bem como pontes e estradas centenárias que ainda hoje se mantêm. Este estudo e observação permitiu traçar com algum pormenor o caminho seguido pelo exército de Massena até Viseu.

A análise documental, seja esta baseada em livros e publicações ou em cartas topográficas e transparentes, é a principal fonte de informação para a investigação. Ainda assim, a presença nos locais, o olhar o horizonte, o relevo e as linhas de água das mesmas colinas onde tão grandes génios militares como André Massena e Arthur Wellesley o fizeram, possam de alguma forma inspirar o entendimento de algumas decisões, sobretudo daquelas de que se diz “só quem lá esteve e olhou o terreno pode compreender”. Por esta razão, e porque a “inspiração do momento” do comandante é factor de decisão, é de todo impossível saber, ao certo, o que terá cogitado o génio de tão ilustres comandantes militares, pelo que haverá lapsos de conhecimento onde me movimentarei apenas no âmbito das suposições, tendo por base as anteriores decisões e o *modus operandi* dos Generais envolvidos.

Este processo de recolha de material e primeira análise documental inicia-se assim que o tema de investigação é lançado e aceite. A recolha de material e primeira revisão de literatura começou ainda durante o ano lectivo de 2008/2009. As primeiras preocupações consistiram em enquadrar a invasão de Massena na conjectura mundial e perceber a criação do *Armee du Portugal*. Esta abordagem ao tema permitiu criar alguns objectivos para o tema e gizar uma Pergunta de partida.

---

<sup>5</sup> *Intelligence Preparation of the Battlefield*. Estudo do terreno através de uma sequência lógica de procedimentos utilizados no planeamento nos Estados Maiores. O Estudo do IPB inclui os factores naturais e militares do terreno e a forma como estes podem inferir com as decisões do comandante.

Com o decorrer da investigação, essa pergunta de partida transformou-se na questão central já apresentada.

Os restantes meses, entre Fevereiro e Agosto de 2010, criaram o tempo necessário para a análise dos documentos recolhidos e, quando esses não eram suficientes, impunham-se as visitas aos locais em causa.

O objecto de estudo é o terreno. A faixa de território nacional entre Almeida e Viseu que se constituiu como eixo de entrada em Portugal e aproximação a Lisboa. Assim, o estudo refere-se a uma análise qualitativa das decisões e da importância de determinados acontecimentos que influenciaram a Campanha.

O período em estudo neste trabalho tem como marco inicial a data de 18 de Julho de 1809. Nessa data o General Clarke recebe uma carta assinada por Napoleão ordenando-lhe a mobilização das tropas para que, com o próprio Imperador à frente, marchassem sobre Portugal para terminar de vez o “assunto da Península”. Fica marcada assim a intenção de avançar com a terceira invasão. Termina, temporalmente, em 22 de Setembro de 1810, dia em que as tropas francesas alcançam Viseu e fica deste modo gizado o Eixo que, em tese, as levaria até Lisboa.

Como está em causa uma investigação com contornos táctico-militares, delimito-a também geograficamente no espaço: assim sendo, a zona sobre a qual recairá o âmbito da investigação será limitada a Norte com Vila Nova de foz Côa e a Sul com Castelo Branco, a Este com a cidade espanhola de Ciudad Rodrigo e a Oeste com Viseu. Numa abordagem prática coincide com a folha 4 da Carta Militar de Portugal série M586, escala 1:250 000 do Instituto Geográfico do Exército.

É neste espaço e tempo, respeitante aos anos de 1809 e 1810, que incidirá a minha investigação.



## 1. Massena e o Exército de Portugal

Massena nasce em Nice, em 6 de Maio de 1758. Na altura, Nice é uma cidade pertencente ao reino sardo pelo que, à semelhança de Napoleão, a sua ascendência é prevalentemente italiana em detrimento da francesa. Nasce no seio de uma família de agricultores: seu pai é comerciante de vinho e azeite e morre quando André Massena tem apenas 6 anos, idade a partir da qual passa a ser educado por uma série de parentes.

Não tem uma educação que auspiciem um futuro marechal, não obstante falar fluentemente francês e italiano. As dificuldades da sua família fazem com que, ainda na adolescência, parta para o mar num navio mercante para servir como ajudante.

O seu primeiro contacto com a vida militar é em 1775 quando se alista no Regimento Royal-Italien. O jovem de apenas 17 anos, sente-se agradado pela vida militar e rapidamente recebe as divisas de sargento. Distingue-se dos demais pela sua habilidade para as tácticas de infantaria e o seu desempenho nos exercícios revela uma preparação excelente, talvez devido à sua variada e difícil educação. (Buttery, 2007)

Mesmo notabilizando-se competente, falta-lhe o berço e o dinheiro que lhe permitam comprar uma comissão. É promovido a subtenente e depois de catorze anos ao serviço do exército recebe a dispensa.

Pouco depois de deixar o exército casa-se e estabiliza-se como comerciante, muito embora existam relatos de eventuais negócios de contrabando com um navio que frequentemente rompia o bloqueio britânico. (Buttery, 2007)

Já em 1789, com a revolução francesa em curso, a política de promoções altera-se e Massena realista-se na Guarda Nacional como instrutor. Com a ameaça de guerra, a França revolucionária constitui um corpo de voluntários onde o futuro Marechal se alista e parte para defender a fronteira. Fazendo jus à época revolucionária que se vive, o subtenente é eleito tenente-coronel do seu regimento, abrindo-se-lhe assim um novo leque de aspirações.

A permanente guerra em que a França mergulha nos anos seguintes dita um futuro brilhante ao Marechal, pois já em 1793, como General de Brigada, integra o Exército de Itália.

A guerra em Itália caracteriza-se pelas campanhas em montanha e os combates em terreno difícil. As dificuldades por que Massena passa dão-lhe a experiência para o planeamento que mais tarde virá a usar em território português. Faz estudos topográficos e reúne toda a

informação cabal para o desenrolar deste tipo de operações, rodeando-se mesmo de conhecedores do terreno que lhe possam fornecer informações precisas<sup>6</sup>. (Koch, 2007)

Quando o Exército de Itália reclama um comandante à altura das necessidades, todos colocam Massena nesse lugar, no entanto, o nomeado foi Napoleão Bonaparte. A surpresa e decepção não suplantaram a sua astúcia e, embora descontente, recebe calorosamente o seu comandante, dez anos mais novo. Independentemente de reconhecer ou não a Napoleão o seu brilhante valor como comandante, as relações entre ambos nunca são amigáveis.

As suas distinções de batalha valem-lhe um convite para um cargo político que lhe trouxe pouco mais que uma esmagadora derrota eleitoral, remetendo-o de novo para o brilhantismo que já envolvera a sua carreira militar<sup>7</sup>.

Massena recebe por esta altura o seu primeiro comando completo, o Exército da Helvécia (Suíça).

O exército de Massena constitui-se como o último reduto antes da França quando os exércitos austríacos e russos, comandados pelo General Suvorov, atacam a Suíça. Napoleão está em campanha no Egipto e Massena torna-se assim o representante último da República em combate nas suas fronteiras. Após alguns contratempos o general francês acaba por obter uma vitória que o cobre de glória, embora por pouco tempo.

Napoleão sobe entretanto ao poder e estes factos ofuscam o triunfo de Massena; ainda assim, é-lhe dado o comando do Exército de Itália.

Os combates nessa península adensam-se e, quando são cortadas as comunicações com França, teme-se o pior: Massena resiste de forma heróica aguardando apenas a chegada do Imperador, que acaba por trazer a vitória.

Esta vitória torna-se a peça que falta e Napoleão é coroado Imperador de França. Embora empolgado pela subida ao trono, mantém-se ciente da dívida para com os comandantes que lhe gizaram o caminho para a coroa e assim promove alguns dos seus Generais. Massena torna-se Marechal.

Esgotado pelos anos em combate retira-se do activo e regressa apenas cinco anos depois, ao Exército de Itália onde novamente vence. Napoleão fá-lo duque de Rivoli; volta a combater em 1809 durante a campanha do Danúbio. Nesta, dá-se uma das mais sangrentas

---

<sup>6</sup> Referência aos oficiais portugueses ao serviço de França que Massena pedirá a Paris para o auxiliarem no planeamento da Campanha.

<sup>7</sup> No entanto ficará sempre com o legado duma carreira política ainda que falhada. Esta aspiração a político ensombrará ainda mais as relações com Napoleão pois este verá nele, de alguma forma, um opositor.

batalhas das Guerras Napoleónicas e, conseqüentemente, primeira grande derrota do Imperador. Na desforra desta batalha contra os austríacos, Massena cai da sua montada mas, ainda assim, continua a comandar as tropas numa carruagem aberta.

É uma vitória memorável e o Marechal toma-a como a sua última campanha.

Massena deseja retirar-se para a sua propriedade a fim de gozar a sua riqueza e seus títulos; porém, o Imperador tinha para ele mais uma missão na Península Ibérica.

Após as vitórias sobre a Áustria e enquanto a situação na Prússia se mantém sob controlo, Napoleão tem que se preocupar apenas com a Rússia, que permanece instável, e com a aliança Luso-Britânica.

Portugal há muito se tornou o “calcanhar de Aquiles” da Europa francesa e Napoleão, agora decidido, envia uma carta ao General Clarke ordenando-lhe para mobilizar as suas tropas para que, com ele à frente, se termine o assunto da Península Ibérica. (Pires *et al*, 2002) Nesse mesmo ano uma nova carta discrimina o número de homens que quer no terreno e a data à qual estes deverão estar prontos – Janeiro de 1810.

Espanha, que seria a base de ataque para esta nova ofensiva, está numa situação ambígua: José (irmão de Napoleão) é desrespeitado por todos e as quezílias entre os novos marechais adensam-se. A França Imperial é fundamentalmente a França de Napoleão (Pires *et al*, 2002, p.341) e o Imperador está, nesta altura, com preocupações pessoais. O seu divórcio com Josefina ainda está muito presente quando é anunciada a gravidez da sua amante Walewska. O casamento com Maria Luísa atrasa-se vários meses e estes factores em conjunto acabam por ditar a impossibilidade de Napoleão comandar o Exército de Portugal e é nomeado assim um dos seus Marechais para o cargo.

São vinte e dois Marechais que Napoleão mantém no activo à data mas poucos são escolhidos pelas suas capacidades de comando; são-no, ao invés, pela sua fidelidade política. (Buttery, 2007)

As hipóteses recaem sobre poucos: Soult e Junot já tinham tentado conquistar Portugal e fracassaram, pelo que estavam certamente excluídos; Ney, de carácter impetuoso, é demais obstinado para comandar um exército sozinho; Davout é um Marechal adequado à função mas está na altura a comandar o exército que aguarda novos desenvolvimentos da Rússia. Dos Marechais com capacidade de comando sobrava Massena que, assim, que foi convidado para o cargo, e o recusou prontamente.

O “Filho querido da Vitória”, que era Massena, é persuadido a aceitar o comando cedendo aos apelos patrióticos de Napoleão. Não obstante, o primeiro discurso que dirige aos seus subordinados mais directos não se revela muito auspicioso:

*Cavaleiros, encontro-me aqui contra a minha vontade; começo a sentir-me demasiado velho e cansado para o serviço activo. O imperador insiste que devo aceitar a posição, e às razões que lhe dei para declinar a resposta respondeu dizendo que a minha reputação seria suficiente para pôr termo à guerra. (Oman, 1908, p.208)*

Convenhamos que partilhar tais pensamentos com os seus subordinados não terá sido a atitude mais sensata e isso repercutiu-se na forma como estes o entenderam.

Napoleão tinha uma forma peculiar de lidar com os seus Marechais. Eram homens de elevado estatuto e que, sobretudo, comandavam tropas, pelo que dum momento para outro se podiam tornar seus rivais. Assim, mantinha-os com limitações de autoridade pouco claras. Tal sucedeu no caso de Massena e do Exército de Portugal. Para empolgar mais esta situação, Massena tinha sob o seu comando o general Ney, cujo temperamento era já conhecido como insubordinado. À primeira alteração que o Marechal fez à constituição das tropas de Ney, este lida mal com a intervenção e afirma que só receberá ordens do Imperador.

Napoleão disponibiliza para o Exército de Portugal um efectivo de 65.000 homens que desde logo Massena considera insuficiente para atacar Portugal por duas frentes (Beira e Alentejo). As instruções de Napoleão mostram já alguma preparação e estudo do terreno; mesmo à distância o Imperador comanda virtualmente as tropas, o que acabava por relevar o papel de Massena para segundo plano, reiterando as políticas que Napoleão mantém para com os seus Marechais.

O imperador terá instruído Massena para que sitiase Ciudad Rodrigo e depois Almeida para seguidamente marchar sobre a Beira em direcção a Lisboa.

Em Junho, já o Exército de Portugal se encontra formado e em posição: Ney está com o seu VI Corpo de Exército (CE) frente a Ciudad Rodrigo, o VIII CE com Junot forma a ala esquerda e a primeira Divisão comandada por Clausel está em San Felices de Gallegos (província de Salamanca). Solignac comanda a segunda Divisão em Ledesma (também província de Salamanca, mais a Este) enquanto o II CE de Reynier forma a ala esquerda do Exército, entre o Tejo e o Guadiana.

O Exército de Portugal tem, à data, o seguinte efectivo: o VI CE de Ney com 27.712 homens e 30 bocas de fogo; o VIII CE comandado, por Junot, com um efectivo de 23.905 homens e 36 peças e o II CE, de Reynier, constituído por 16.298 e 18 bocas de fogo.

O efectivo total perfazia 67.915 homens e 84 bocas de fogo; a Infantaria é constituída por tropas novas mas os seus quadros de oficiais não estão completos; o fardamento e equipamento, no entanto, encontram-se em muito bom estado. A Cavalaria é recém-



chegada de França e tem nas suas fileiras combatentes muito experientes (com mais idade, também), muito bem montada mas o equipamento e fardamento não se encontram em semelhantes condições. A Artilharia está dividida em 5 Companhias, das quais duas a cavalo e uma de pontoneiros<sup>8</sup>.

Massena considera porém os trens insuficientes. Seriam necessários 1.080 cavalos para transportar as peças de Artilharia e só existiam 900; destes, aproximadamente 100 estavam para reforma. Os cartuchos para a Infantaria não eram suficientes para uma operação geral.

A nível de víveres, o Exército vivia da região onde estava estacionado, havia apenas 254 caixões carregados com rações e material de ambulância.

O soldo, nesta altura, havia sido pago até 1 de Abril mas ainda existiam várias centenas de francos em caixa. (Koch, 2007)

Outros elementos que se juntam ao Exército de Portugal e que não podem, de forma alguma, ser considerados como segundo plano, são os oficiais portugueses que o integram. Estes são oficiais que fazem parte da legião Portuguesa e que vêm auxiliar, como Estado Maior, a Invasão a Portugal.

O Marquês de Alorna, Pamplona e o seu ajudante de campo, António Nobre, vão juntar-se a Massena em Ciudad Rodrigo e, depois, os Marqueses de Ponte de Lima, Valença e Loulé. Ainda os condes de Sabugal e de S. Miguel, D. Manuel de Sousa, José de Vasconcelos, Manuel de Castro, Cândido José Xavier e o tenente António Severino de Gusmão vêm juntar-se ao Exército de Portugal.

Estes oficiais estão em Paris, excepto o Marquês de Alorna, que já se encontra em Espanha. Vêm a pedido expresso de Massena a Napoleão para o auxiliarem na preparação táctica da invasão. Napoleão mostra-se relutante e envia só aqueles em quem confia e que tenham dado provas de profissionalismo imparcial. Ainda assim, José de Vasconcelos, o Marquês de Ponte de Lima e o Marquês de Valença acabam por desertar. (Ribeiro, 1901)

O Exército de Portugal está formado na altura que Napoleão tinha planeado e encontra-se estacionado no sítio que deveria estar, também segundo os seus planos.

Aparentemente tudo está preparado para a derradeira Invasão.

---

<sup>8</sup> Militar encarregue de fazer transportar materiais atravessando cursos de água ou passagens a vau. Construíam pontes e pontões, actual função da Engenharia.



## 2. O Eixo da Beira

Não se pode analisar um Eixo de Aproximação sem antes definir o conceito; assim, Segundo o Regulamento de Campanha – Operações, um Eixo de Aproximação é uma *faixa de terreno que proporciona a uma unidade um itinerário adequado e fácil para atingir um Objectivo ou Ponto Importante*.

É necessário termos presente a época que nos encontramos a analisar pois, muito embora os princípios da Ofensiva e da Marcha para o Contacto se mantenham quase inalteráveis, os meios de então não obrigavam a itinerários com as características que hoje são fundamentais. As actuais unidades blindadas necessitam do espaço e características do terreno que na altura eram desprezáveis. Ainda assim as frentes tinham que dispor da mobilidade suficiente para marchar em determinada direcção mantendo uma formação que lhes permitisse manobrar para fazer frente às escaramuças que sabiam *a priori* que iriam encontrar.<sup>9</sup>

Na análise dos eixos de aproximação usam-se actualmente uma série de factores que, depois de estudados e conjugados, nos indicam se este será ou não favorável para as nossas tropas.

Acima na definição, apresentei o *Objectivo* ou *Ponto Importante* como posição final desejada de quem planeia o eixo. O Objectivo da Invasão é atingir a Capital<sup>10</sup> porque, mesmo que simbolicamente dada a conjectura de então, esta seria o centro nevrálgico do Reino. Mas quais seriam os Pontos Importantes (PI) de então? Nas anteriores invasões, mesmo quem não tem os conhecimentos táctico-militares percebe que tinham objectivos claros. Lisboa quando os franceses avançam pelo Vale do Tejo e Porto quando a invasão se dá pelo Norte. Quando a invasão é feita pela Beira, atravessa várias cidades que, embora grandes e populosas, não têm grande poder administrativo pelo que a sua conquista não oferece nenhum poder legal.

Tacticamente, um PI caracteriza-se por ser uma porção de terreno que permite cumprir a missão, continuar o ataque em profundidade e lançar (a partir dele) o ataque ou contra-

---

<sup>9</sup> Ainda hoje os Eixos de Aproximação devem permitir, às unidades que nele circulam, a possibilidade de desenvolver para o combate. Quando os franceses entraram no Eixo da Beira já esperavam confrontos com milícias. Tem vindo a ser assim já desde território espanhol.

<sup>10</sup> Atingir a capital era objectivo estratégico da Campanha. A estratégia definida por Napoleão obrigava à ocupação da capital para domínio do Reino. Este objectivo concorria para a sua estratégia geral de diminuir o poder inglês no mundo. A um nível inferior, ao longo da campanha, vão definir-se outros objectivos tácticos que se prendem maioritariamente com questões de controlo de terreno.

ataque.

A este nível, estes PI permitem lançar um contra-ataque ou constituir-se como base-firme para continuar a missão. Podem ser facilmente identificados Almeida, Viseu e Coimbra como PI por se constituírem como importantes bases logísticas para continuar a campanha até Lisboa; além disso, materializam importantes cruzamentos de itinerários que mais à frente analisaremos.

Este Eixo, ainda na actualidade, é considerado uma forma plausível de invasão do território nacional.

Um estudo militar recente sobre os eixos de aproximação e entrada em Portugal classifica este como sendo um eixo de difícil progressão, porém, o invasor dispõe de protecção natural de flancos. É muito extenso para quem tem os objectivos finais de Lisboa e Porto e está numa posição favorável para um invasor que tenha as suas forças em Castela e materializa a entrada em Portugal mais directa para quem vem da Europa nuclear. (Santos *et al*, 1982)

Estes militares delimitam este eixo a Norte com a Serra da Marofa (40°51'49.60" N ; 6°59'26.26"W) e a Sul com a Serra da Malcata (40°15'5601" N ; 6°58'5993" W). Atravessa os objectivos intermédios (que são os nossos PI) de Viseu-Mangualde (40°36'12.36" N ; 7°45'33.78"W) e Coimbra (40°12'38.55" N ; 8°25'45.12").

O Eixo da Beira dirige-se para o Objectivo Final de Lisboa e para o Porto se, em S. Pedro do Sul, inflectir para Norte.

Os factores a ter em conta aquando da análise de um eixo de aproximação estão relacionados com os aspectos morfológicos e militares do terreno. O estudo que a seguir apresento é baseado nestes princípios, enquadrado com a delimitação sugerida.

Como forma de analisar o terreno, usa-se actualmente uma ferramenta nos estudos de Estado Maior, que permite, de uma forma mais acessível, ter acesso à informação; esta ferramenta - o IPB - aborda separadamente os aspectos naturais e militares do terreno. Analisando sequencialmente uma série de itens pré-concebidos e colocando-os em transparentes sobre as cartas e os mapas, permite um acesso rápido à matéria em causa.

Análise dos factores naturais do terreno:

a) Relevo (Anexo A)

A região atravessada pelo eixo apresenta uma altitude média de 600m com os 976m máximos da Serra da Marofa e os 1076 da Serra da Malcata. A parcela de terreno onde se

encontra Ciudad Rodrigo até à linha vertical imaginária Almeida-Vilar Formoso-Sabugal é um planalto de altitude média 730m pelo que a progressão para forças apeadas está de alguma forma facilitada nesta parte do eixo.

A Norte, já em território português, as margens do rio Águeda, embora não elevadas, apresentam declives acentuados que impedem a sua travessia a vau. Ultrapassada a Serra da Marofa, a altitude desce até aos 500m da Ribeira de Massueime (que atravessa todo o eixo), para voltar a subir nas encostas de Trancoso; desce até ao Rio Dão (500m) e estabiliza numa média de 600m até Viseu. Há pontos altimétricos na ordem dos 700m em Mangualde, Sernancelhe e Sátão que podem constituir-se como importantes e dominantes para a progressão ao longo do eixo. Estas elevações podem ser base de partida para pequenas missões de milícias que procurem desorganizar a retaguarda da força, daí a necessidade de as ocupar previamente.

Ao longo de um eventual corredor de mobilidade central (coincidente com o actual traçado da Auto-estrada A25), o terreno apresenta uma morfologia constante até Viseu (600m), com diferenças altimétricas na ordem dos 200m e sem declives acentuados que se afirmem como entraves à progressão; acompanha, na zona de Fornos de Algodres, o percurso do Rio Mondego.

A Sul, a Serra da Malcata, apesar da sua elevada altitude (800m médios) e de acentuados declives, não se apresenta como obstáculo por ser facilmente contornável; porém, ao ser envolvida por Norte, entra-se num vale formado pela Serra da Estrela e Malcata segundo o eixo Sabugal – Belmonte - Fundão, que pode constituir um excelente corredor de mobilidade ao longo do Rio Zêzere mas que está igualmente exposto às altaneiras encostas das serras que o cercam.

Aproximadamente 50km depois da fronteira portuguesa, a formação montanhosa da Serra da Estrela com altitude média de 834m tem o seu ponto mais alto a Sul do maciço em Estrela (1 993m). Esta serra é um obstáculo à progressão. Pode ser contornada por Norte segundo a direcção Vilar Formoso – Guarda – Viseu ou por Sul entrando no vale do Zêzere. A sua elevada altitude confere-lhe uma dominância sobre todo o território do Eixo da Beira e pode ser observada desde Ciudad Rodrigo. O interior do maciço é constituído por várias montanhas e vales escarpados que chegam para o classificar como terreno impeditivo<sup>11</sup>.

Atravessado o rio Mondego, na encosta Oeste da Serra da Estrela, a altitude decresce gradualmente até Viseu. As margens do rio, fora do maciço rochoso da Serra da Estrela,

---

<sup>11</sup> Terreno Impeditivo é uma porção ou faixa de terreno que deve ser evitada para as operações militares. Faixas onde o terreno dificulte as operações sem as impedir totalmente são Terreno Restritivo.

não são obstáculos podendo até, nas zonas da Guarda, Fornos de Algodres e Mangualde, constituir-se como apoio para a progressão a pé.

Embora o eixo não acesse zonas de alta montanha<sup>12</sup>, aproxima-se em muito desta, pelo que os factores que a altitude tem sobre o organismo humano já se fazem sentir. A altitude aliada ao factor esforço potencia o mau estar geral nos soldados, assim, as zonas mais elevadas são de todo evitáveis bem como se aconselha a progressão com o mínimo de alterações altimétricas.

#### b) Vegetação (Anexo B)

A vegetação ao longo do eixo vai-se alterando mediante o tipo de solo que se atravessa.

Naquele que considere o planalto de Ciudad Rodrigo, a vegetação é composta maioritariamente por árvores altas. Os pinhais assumem a cobertura principal destas zonas arborizadas, sobretudo em volta das povoações. Regra geral, as povoações tinham em sua volta duas linhas diferenciadas de vegetação: a primeira constituída por árvores altas (maioritariamente pinheiros) que cercavam a zona exterior como que uma muralha natural; a segunda, mais interior, eram as terras de cultivo. Estas circundavam as povoações mais junto às zonas de habitação.

Salienta-se, nos cerca de 12km que separam a vila espanhola de Aldea del Obispo de Almeida, uma zona arborizada que pode constituir-se como obstáculo à progressão. No entanto, tendo em conta o tipo de unidade que ali progredia, a vegetação poderá constituir-se como um apoio enquanto proteger homens das vistas do Inimigo.

Continuando por Norte a vegetação adensa-se sobretudo ao longo do curso dos rios. Os pinhais acompanham o traçado hidrográfico nas suas encostas superiores, sendo que junto às margens a vegetação é rasteira e não constitui obstáculo. Ao avançar para Oeste verificamos que o arvoredo denso torna-se de alguma forma constante com a excepção da área circundante das povoações, o curso dos rios e os traçados dos itinerários. Mais uma vez, no corredor de mobilidade central, a vegetação é rasteira e permite deslocamentos fáceis.

O vale do rio Zêzere e a zona entre as serras da Estrela e Malcata têm a vegetação normal para um vale. As terras são férteis e as encostas são muitas vezes usadas para cultivo. Nos maciços rochosos das serras a vegetação é maioritariamente rasteira com a excepção dos cumes que são mais arborizados que as encostas.

---

<sup>12</sup> Acima de 2 000m.

Em resumo, a vegetação é mais densa podendo constituir obstáculo a Oeste de Trancoso, havendo largas zonas arborizadas perto de Viseu e Mangualde. O arvoredo até a região da ribeira de Massueime é parco e permite a progressão a descoberto das visas. Nos maciços rochosos a vegetação é rasteira e não permite ocultação. As zonas que acompanham o traçado dos cursos de água são caracterizadas pela vegetação rasteira e nas encostas mais elevadas há árvores de grande porte que podem assumir um papel importante para encobrir o avanço das tropas. As povoações são circundadas junto a elas por terrenos de cultivo e à distância por aglomerados de árvores.

Por estarmos a estudar uma época em que os víveres que assumiam a manutenção das tropas eram os das povoações invadidas, é importante fazer uma ressalva quanto aos terrenos de cultivo e solos férteis.

As terras mais férteis são, caracteristicamente, as margens dos cursos de água. O rio Mondego só tem margens cultiváveis depois do seu curso sair do maciço da Serra da Estrela, o Zêzere oferece solos férteis na zona de Fundão e Covilhã. Os rios Dão e Vouga apresentam solos férteis nas suas imediações porém, já à altura, eram usados para vinha.

Nos arrabaldes das povoações maiores, junto às aldeias e povoados mais pequenos, encontram-se as grandes áreas de cultivo. Aliados a pequenas ribeiras, os lameiros são muitas vezes o sustento dos seus habitantes. Estas grandes plantações são maioritariamente vinha e cereais, nomeadamente, milho, trigo, centeio e cevada.

A Beira é uma zona árida e com um clima pouco propenso para grandes culturas. Os cereais são o principal produto de cultivo. Outros produtos agrícolas são explorados em pequenas porções de terreno, em grande parte privadas e junto às populações.

### c) Hidrografia (Anexo C)

A Beira é uma zona caracteristicamente rica em recursos hídricos que, pela sua morfologia mineral, favorece o aparecimento de linhas de água.

Quase coincidente com a fronteira encontra-se a ribeira de Tourões. Este curso de água constitui-se como a primeira barreira hidrográfica (ainda que ligeira) perpendicular ao eixo e é atravessada por duas pontes, uma em Vilar Formoso e outra a Este de Almeida (à altura, era a estrada que ligava a Ciudad Rodrigo).

O primeiro curso de água que se pode constituir como um obstáculo sério é o rio Côa. Este rio segue um traçado vertical (Norte – Sul) e atravessa o corredor de mobilidade central e a

parte Norte do eixo. Tem pontes em Castelo Bom e Almeida. As margens do Côa são demasiado íngremes para a travessia junto aos itinerários e na maioria do seu curso o rio não é vadeável.

A ribeira de Massueime atravessa toda a parte Norte do eixo, obrigatório para quem decidir segui-lo contornando o maciço da Estrela por Norte. Uma ponte atravessa-a na Guarda onde é impossível a sua travessia a vau. Para jusante o rio diminui de caudal muito embora, devido ao facto de nascer na serra, este possa aumentar significativamente na época das chuvas e do degelo. Quando isto não se verifica, o rio é vadeável.

O rio Távora, em Trancoso, não se apresenta como obstáculo na medida em que o seu curso não é perpendicular ao eixo, ainda assim, pode dividir as forças invasoras criando um obstáculo entre elas. As margens não são obstáculo e estão em diversos locais transformadas em terras de cultura. Este rio é vadeável em grande parte do seu curso e tem pontes em Trancoso e Aguiar da Beira.

O rio Dão, com nascente em Aguiar da Beira começa por ser um pequeno curso de água porém aumenta o seu caudal com as ribeiras que nele afluem vindas encostas da serra da Estrela. Não é vadeável mas as suas margens permitem a progressão e criam diversas terras de cultivo. Pode ser atravessado em Fagilde e Penalva do Castelo.

O rio Vouga tem um traçado paralelo ao eixo. Nasce também em Aguiar da Beira, a Norte. As forças que seguirem pela parte superior correm o risco de ficar separadas por este obstáculo. Permite ser atravessado em diversos pontos no seu curso mas não é vadeável.

O rio Mondego é o maior rio que atravessa o eixo. Tem nascente na serra da Estrela e segue para sudoeste depois de sair do maciço da serra. Tem um caudal que não permite a sua travessia. As margens estão densamente cultivadas e são sustento de diversas populações. Passa significativamente a Sul de Viseu pelo que não é um obstáculo primordial para impedir o avanço de tropas invasoras que venham por Norte do eixo. É uma importante fonte de água para as populações que atravessa e desta forma, sendo vedado o seu acesso, pode constituir o bloqueio a um importante recurso. Tem pontes em Juncais, Mangualde, Póvoa da Rainha e Caldas da Felgueira.

O rio Zêzere, a Sul no eixo, apresenta-se como obstáculo para as forças que optem por contornar a serra da Estrela por Sul. As suas margens são íngremes e impedem a travessia sobretudo enquanto o rio corre ao longo das encostas da serra. Não é vadeável depois da Covilhã onde o caudal aumenta abruptamente. Tem a particularidade de atravessar o eixo transversalmente e longitudinalmente, podendo assim separar as forças e/ou travar o seu avanço.



É importante referir que, por estarmos a analisar uma zona com declives acentuados e cujos cumes estão sujeitos a climas onde a neve e chuva são predominantes, os cursos de água podem alterar significativamente o seu caudal nos meses de Inverno e Primavera, quando a neve derrete. Estes rios são, em muitos casos, o sustento de muitas populações, quer por criarem solos férteis, quer por serem fonte de água para homens e gado.

Os rios Côa e Dão são os principais obstáculos causados pela rede Hidrográfica. O rio Mondego é um ícone de incontornável importância da Beira e o Zêzere pode constituir-se obstáculo para quem seguir o eixo por Sul.

#### d) Natureza do solo

A Natureza do solo ao longo do eixo até Viseu altera-se consoante o meio envolvente à zona. Por defeito, o solo é tradicionalmente seco-granítico (típico de clima alpino-rochoso) devido à altitude e clima da maior parte da área. Este tipo de solo favorece a progressão apeeda e é, seguramente, dos melhores tipos de solo para essa.

As alterações a esta regra encontram-se sobretudo nos maciços rochosos e nas zonas envolventes aos grandes cursos de água.

No maciço da serra da Estrela, o solo apresenta-se muito seco, quase sem vida e com grandes quantidades de plataformas rochosas graníticas; grandes blocos deste mesmo tipo de rocha encontram-se ao longo do maciço desde os tempos da última grande glaciação. Estes não são obstáculos mas conferem ocultação.

As margens dos rios são naturalmente mais férteis. Apresentam uma humidade relativa criando por vezes lameiros onde o cultivo é predominante. Estas porções de terreno são muitas das vezes inundadas pelo homem pelo que facilmente se contornam deixando de ser um obstáculo. Terrenos alagados naturalmente são muito raros nesta zona do território português.

Devido à natureza seca do solo, as chuvas também não causam problemas de alagamento de itinerários ou terrenos por serem rapidamente absorvidas ou encaminhadas para as linhas de água existentes.

#### e) Alterações resultantes da acção do Homem (Anexo D)

Nesta análise, por incidir num determinado espaço de tempo já recuado, as principais

alterações resultantes da intervenção do homem na paisagem vão ser as povoações, pontes, itinerários e fortalezas.

No planalto inicial, a cidade espanhola de Ciudad Rodrigo apresenta já dimensões capazes de causar obstáculo; seguem-se Aldea del Obispo e Fuentes de Oñor que, apesar de mais pequenas, a sua posição geográfica vertical, pode requerer que se contornem para evitar ataques de flanco.

Já em território nacional, Vilar Formoso, Castelo Bom, Almeida e Figueira de Castelo Rodrigo podem apresentar-se como uma barreira inicial de avanço sobre Portugal. São povoações relativamente pequenas mas geograficamente colocadas na orla do território português. Por forma a barrarem esse eixo, estas povoações dispõem de uma construção muralhada e fortalezas que analisarei em pormenor em seguida.

Pinhel, Guarda e Trancoso apresentam-se como grandes aglomerados populacionais, também muralhados, que, para quem segue por Norte no eixo, podem causar um obstáculo importante. Eram já na altura importantes a nível económico e político. São povoações com diversos solares e casas brasonadas, preferenciais para quartéis gerais dos comandantes<sup>13</sup>.

Mais pequenas mas também a barrar o corredor de mobilidade central encontram-se Aguiar da Beira, Sátão e Fornos de Algodres. Por si só, na altura, eram pequenas e contornáveis, mas quando analisadas em conjunto, formam um triângulo que, para quem quiser contornar alguma, terá obrigatoriamente que passar nas imediações de alguma das outras.

Gouveia encontra-se na encosta virada a Noroeste da Serra da Estrela, é pequena e de tradições serranas, ainda assim possui dois palácios de grandes dimensões. Constitui obstáculo para as forças que queiram levar a cabo operações no interior do maciço.

Mangualde e Penalva do Castelo, partilham da característica da Guarda, albergando diversas casas apalaçadas. São também o último reduto antes da chegada a Viseu.

Viseu é uma importante cidade portuguesa. Predominava em toda a região e era centro de decisões políticas e económicas. Rica em palácios e igrejas ocupa uma posição estratégica para quem quer atingir o objectivo intermédio de Coimbra e o objectivo final de Lisboa. (Santos *et al*, 1982)

A Sul no Eixo, as povoações que encontramos eram tradicionalmente mais pequenas e de

---

<sup>13</sup> Era comum nesta época os comandantes das forças aboletarem casas ou palácios que lhes proporcionem alguma dignidade na estadia. Muitas das vezes proprietários das casas deixavam os seus criados ao dispor dos comandantes que quisessem ocupar a casa. Mesmo fora, consideravam-se honrados com a presença de determinado general no seu palácio.

subsistência ligada à serra da Estrela.

Covilhã, na encosta Sudeste da serra, era albergue de pastores e agricultores que viviam o seu dia nas montanhas; só é obstáculo para quem quer entrar no maciço. Sabugal tem as mesmas características muito embora seja mais pequena e esteja ligado à serra da Malcata. Seia já se apresenta no centro do corredor de mobilidade de quem contorna a serra da Estrela por Sul. Ainda assim, era relativamente pequena e contornável como obstáculo.

As Pontes são uma importante alteração à paisagem na medida em que grande parte dos rios não é vadeável e tem que ser transposto de forma a serem alcançados os objectivos e Pontos Importantes.

Sobre o rio Côa, as mais importantes situam-se em Castelo Bom e Almeida e o seu controlo dita a entrada profunda em território Nacional.

A ribeira de Massueime tem uma ponte na Guarda que, em tempo seco, é o local onde a ribeira não é vadeável. O rio Távora tem uma importante ponte em Trancoso.

Penalva do Castelo, Aguiar da Beira, Viseu, Mangualde e Nelas apresentam importantes pontes sobre o rio Dão. Este rio tem que ser atravessado para quem quer alcançar Viseu.

O maior rio da região - o Mondego - permite a sua travessia por ponte em Juncas, Mangualde, Póvoa da Rainha e Caldas da Felgueira.

O rio Zêzere, embora não se apresente como um obstáculo importante ao corredor central, tem pontes em Covilhã e Fundão.

As fortalezas são obras de arquitectura militar que abundam nesta região do território. Por estarmos a analisar uma zona fronteira e um passado de guerras e escaramuças com Castela é natural que ao longo desta linha existam algumas fortificações que impeçam o avanço de um inimigo “habitual”.

Assim, e utilizando o método de até aqui, vou analisar as fortificações militares avançando de Este para Oeste, Norte para Sul.

Começando pelo lado Castelhana, Ciudad Rodrigo é uma cidade com grande importância sendo a maior junto à fronteira portuguesa. É uma povoação muralhada de estilo de fortaleza, possui um castelo e vários edifícios de arquitectura militar que indicam uma forte capacidade defensiva.

Ainda em território espanhol, Aldea del Obispo é uma povoação fronteira que possui uma fortaleza exactamente na linha de fronteira. Essa fortaleza é um clássico da arquitectura

militar de Vauban, em estrela. Embora de dimensões mais reduzidas que as da sua “opponente” Almeida, é um reduto importante e pode servir de base de assalto para um ataque à praça portuguesa. Ainda em San Felices de los Galegos podemos encontrar um pequeno forte numa colina altaneira que, embora sem grande poder defensivo, tem um forte potencial a nível das informações.

Em Portugal, encontramos uma linha defensiva que atravessa o eixo verticalmente composta por seis Castelos. Mais a Norte, os castelos e fortalezas de Figueira de Castelo Rodrigo e Almeida, a sul na mesma linha, Castelo Mendo, Castelo Melhor e Castelo Bom, Alfaiates, estas quatro últimas apenas com castelos. Todos estes pontos tinham comunicação entre si e para alguns das fortificações vizinhas. Possuem em linha de vista parte do território castelhano sendo impossível a aproximação sem ser detectado. De todas estas, Figueira de Castelo Rodrigo e Almeida são as mais importantes.

Almeida é uma fortaleza copiosamente bem desenhada e virtualmente inexpugnável quando bem guarnecida mas sobre ela dedicarei um capítulo adiante.

Em profundidade na direcção principal do eixo, aparece o castelo e muralha da cidade de Pinhel. Este muralha de construção oval envolve a cidade e tem no seu interior um castelo que se ergue sobre a paisagem envolvente.

A cidade da Guarda apresentava uma complexa rede defensiva da qual hoje já pouco resta. Havia torres e muralhas de que só há registos escritos e muitos dos blocos de granito foram usados em capelas e construções senhoriais. Há no entanto resquícios da ancestral muralha. O local da Sé, que ocupa uma posição central na cidade, terá em tempos sido ocupado por um castelo que se erguia a 1 000m de altitude e que possuía linha de vista sobre quase todo o eixo em estudo.

Mais a Oeste no corredor central, Trancoso apresenta-se com uma vila fortemente muralhada, numa montanha isolada e com um castelo robusto numa das suas laterais. Por se encontrar elevado é uma posição capaz de uma defesa eficaz, porém, se contornado, limita-se a observar o envolvimento. Ainda no concelho de Trancoso, o castelo de Moreira de Rei, é uma edificação defensiva militar que visa, sobretudo, triangular a posição de Trancoso com Sernancelhe.

O castelo de Sernancelhe, maior que o anterior, tinha mais algum poder defensivo e encontrava-se numa posição mais central e numa povoação maior.

Celorico da Beira e Folgoso, já na encosta Oeste da serra da Estrela, ocupam uma posição sobre o rio Mondego e orientam-se triangularmente com Linhares, mais a Sul. Esta

última, no vale do Mondego, apesar de a uma cota menor, é uma das fortificações mais importantes da Beira. É de construção robusta e envolve toda a cidade numa muralha granítica imponente.

Aguiar da Beira, mais a Oeste no corredor central, possui um castelo sem grande valor defensivo mas que, pela sua posição incontornável, torna-se importante.

Daqui até Viseu não se encontram mais fortificações relevantes. Algumas torres em Alcofra, Cambra, Ferreira d'Aves e Ucanha merecem menção, mas nenhuma delas se constitui como importante reduto defensivo.

Em Viseu, as muralhas da cidade erguem-se na colina onde a povoação se instalou. Eram de construção sólida em granito, com portas que ainda hoje se mantêm. Não existiam torres ou edificações defensivas para além da muralha, ainda assim, de modo algum a cidade perde o valor político e económico que obteve em tempos.

Outra importante alteração à paisagem são as vias e itinerários passíveis de ser seguidos ou servir como apoio para uma invasão.

Esta zona, contornando a serra de Estrela e seguindo vale do Mondego e Zêzere, há muito é via de passagem. Analisando friamente, liga os pontos nevrálgicos da Europa nuclear ao interior do território português. Serve de ligação para os comerciantes que pretendem espalhar os seus produtos e para os que os querem obter, e isto já se verifica há muito.

Viseu está ligada a Coimbra e Lisboa desde o tempo da ocupação Romana. Para além das ligações ao litoral, Viseu estava servida de uma rede de vias romanas q comunicavam com Salamanca, ligando-se ao centro da Península. (Mattoso, 1994) O estudo levado a cabo por José Mattoso serve para confirmar a importância de Viseu e classificá-lo como centro de alguma importância desde tempos ancestrais. Estas vias, embora na sua maioria extintas na altura da III Invasão, podem servir de apoio para corredores de mobilidade pois, se em tempos foram usadas para transacções romanas, podem guiar um exército até aos pontos mais importantes do território.

Em muitos dos casos, estas vias serviram mesmo de base para caminhos rurais e estradas municipais que ligavam cidades e povoações. Estas, mantinham contactos regulares e, por isso, tinham que estar ligadas por vias capazes. As ligações intensificam-se quando, por via das anteriores invasões, tropas, milícias e ordenanças portuguesas se deslocaram por estradas para ocupar as posições defensivas tratadas supra. Assim, devido a proximidade das datas das invasões, as marcas deixadas pelas marchas dos homens delineavam um trilho a seguir.

Se traçarmos um paralelismo com a actualidade, podemos observar duas importantes vias rodoviárias que ligam a fronteira da Beira com os pontos nucleares de Portugal, inclusivé a sua capital: as auto-estradas A23 e A25. A primeira liga a Guarda a Torres Novas e daí a Lisboa; a A25 liga a fronteira a Viseu e daí para Coimbra ou faz ligação com Aveiro, podendo daí partir directamente para o Porto ou Lisboa.

Estas duas vias ligam algumas das mais importantes cidades portuguesas e não terá sido uma escolha aleatória. Segundo os princípios da engenharia, o traçado das estradas deve evitar ao máximo declives acentuados e terrenos alagadiços, devem ligar pontos chave e fazê-lo da forma mais rápida. Assim sendo, estes itinerários actuais seguem, na maioria do seu traçado, os percursos citados no decorrer deste capítulo: contornando a serra da Estrela por Norte até Viseu (A25) ou envolvendo-a por Sul (A23).

#### f) Condições climatéricas

Portugal caracteriza-se pelo clima mediterrânico em quase todo o seu território, porém há zonas com condições especiais de relevo ou hidrografia. O Eixo da Beira está numa dessas zonas.

A Beira Alta, embora mantenha os Verões quentes e secos e Invernos frios e húmidos típicos dos climas mediterrânicos, apresenta algumas características particulares. É um clima mediterrânico continentalizado, mais afastado da costa e encoberto nas encostas das serras. Aqui, no planalto beirão, as temperaturas médias são mais baixas, porém, em altitude, verificam-se alterações abruptas nessa média.

As temperaturas médias na Guarda (cidade central do eixo) são de 10°C e com precipitação de 300mm excluindo a queda de neve. (Silva, 1990)

Sendo evitadas as épocas do frio e neve, nos meses mais temperados do ano, é uma zona do território português onde o clima não é entrave a operações militares. Só os degelos podem aumentar os caudais dos cursos de água fora do tempo das chuvas.

Findo o estudo dos aspectos naturais do terreno, a análise incide nos factores com importância militar e que influenciam as operações.

Esta análise é resultado dum estudo actual pelo que alguns dos factores são excluídos à partida.

O primeiro item em análise é a observação e campos de tiro ao longo do eixo. Tendo em conta a realidade de 1810 e o alcance das armas de então, este estudo fica comprometido

desde logo. A observação a longas distâncias é importante mas para alertar da aproximação do inimigo. Como já apresentei anteriormente, o terreno em estudo permite observação a longas distâncias porque se apoia em colinas e montanhas elevadas que facilmente são observáveis entre si e nos seus vales.

Cobertos e abrigos: Mais uma vez, fazer avançar um exército da época em estudo a coberto de algum artifício ou obstáculo natural é praticamente impossível. Constituem-se como “abrigo” as fortificações já existentes que podem ser ocupadas por tropas invasoras. Os vales dos rios que atravessam um eixo seriam um bom itinerário para seguir a coberto se não existissem as construções militares nos seus cumes que permitem a observação directa sobre estes.

Os Obstáculos que existem ao longo dos itinerários não são mais do que os obstáculos naturais acima analisados. Se entendermos como obstáculo qualquer artifício que atrase o avanço das tropas, a política de terra queimada levada a cabo pela gente da Beira pode ser considerada obstáculo. Apesar de não criar entrave físico ao avanço, a necessidade de abastecimentos provenientes do território ocupado pode ser contraposta com a destruição desse mesmo bem.

Como analisado supra, podemos considerar pontos importantes como as povoações que o eixo atravessa. Essas povoações, sobretudo as fortificadas militarmente, constituem vantagem àqueles que as ocupam. Podem ser ocupadas para base de ataque ou simplesmente para descanso e posição facilmente defensável enquanto as unidades logísticas procuram adquirir mais víveres. Podem classificar-se também como pontos importantes as maiores elevações ao longo do corredor central porque daí podem partir ataques ao invasor ou apenas flagelações que atrasem a progressão.





### 3. A Fortaleza de Almeida

*Tropas que ocupam posições fortificadas aumentam o seu potencial de combate. (FM 5-15)*

Segundo este manual de campanha americano, os soldados que combatem apoiados numa posição fortificada aumentam o seu potencial em cerca de três vezes, o que faz com que, para a atacar, seja necessária uma força com o triplo do efectivo. É a fórmula do “três para um” tão bem conhecida entre os militares.

O soldado, sobretudo a Infantaria, deve ser capaz de combater em todo o tipo de terreno, e em qualquer ambiente, ainda assim, é necessário criar condições defensivas a pontos importantes do terreno ou pontos que, quando conquistados, possam conferir alguma superioridade a nós ou ao inimigo. É por isso que foram surgindo ao longo dos tempos castelos e fortificações em posições com alguma importância, seja ela estratégica ou táctica.

De acordo com o mesmo manual americano de fortificação, a escolha do local e terreno são o primeiro factor a ter em conta quando construímos uma posição defensiva. Os factores mais importantes a ter em conta nesta situação não são só os elementos naturais do terreno (como linhas de água, elevações e vegetação) mas também os meios de comunicação como estradas, caminhos e linhas férreas que ligam esse local à área envolvente. (FM 5-15, p.4) (Anexo E)

Almeida é uma posição que, desde há muito tempo, se constitui como relevante na defesa do território que a envolve.

Há vestígios de um ancestral castro da época romana nessa zona e de uma posterior requalificação para resistir às invasões visigóticas. Durante a ocupação muçulmana da Península, Almeida fora um centro de produção agrícola e pecuária e presume-se que isso tenha feito dela um importante centro político-administrativo digno de uma defesa à altura.

Depois da reconquista aos mouros, embrenhou-se nas guerras de independência entre Portugal e Castela, o que a deixou devastada. Só com D. Dinis, que criou a Almeida que conhecemos com o castelo e as muralhas, a vila voltou a ter a visibilidade de tempos idos. As fortificações de Duarte Darnas remontam a 1510 e são feitas a mando de D. Manuel. (Almeida, 1943, p. 275)

Com a evolução da tecnologia, as armas de fogo adquirem capacidades cujas muralhas da praça forte deixam de ser capazes de contrapor. Em 1736, a praça é estruturada de forma a

fazer frente às mais recentes evoluções no armamento. Esta reestruturação só é terminada anos mais tarde e a fortaleza de então, de tipo abaluartado, torna-se a mais importante do Reino a seguir à de Elvas. (Almeida, 1943)

O traçado actual da praça é hexagonal com uma saliência em “bico de seta” em cada vértice – os baluartes - o de S. Pedro, da Bandeira, do Trem, de St<sup>a</sup> Bárbara, o de S. João de Deus e o de S. Francisco; cada dois destes estão ligados por um revelim<sup>14</sup> com escarpa. Tem um perímetro de 3,8km e 650 000m<sup>2</sup> de área. A muralha é revestida a cantaria e rodeada por um fosso com uma média de 10m de profundidade e entre 10 e 60m de largura. O acesso ao interior da praça é feito por três portas de construção anti-bomba em túnel. As entradas são viradas a Sudoeste, a Norte e a Sul e acedidas através de pontes de alvenaria protegidas pelos revelins. Todas as portas, são encimadas pelo escudo e armas reais. Há ainda as “portas falsas”, dissimuladas, que dão acesso ao interior da praça a galerias subterrâneas através do fosso. Ainda nos subterrâneos da praça, as casamatas, subdividiem-se em 20 salas e corredores, todos de construção anti-bomba. (Anexo F)

No interior da cidadela, a torre de menagem de planta quadrangular ergue-se sobre a vila; possui os habituais balcões com mata-cães<sup>15</sup> e permite acesso ao nível adarve<sup>16</sup>.

A defesa próxima da praça está pensada para ser feita através dos baluartes. O baluarte de S. Francisco tem 18 canhoes e um acesso ao paiol por uma escada no interior do muro. Ainda uma plataforma saliente permite o uso de peças de maior calibre. Mais pequenos, os baluartes de S. Pedro e St<sup>o</sup> António possuem apenas 10 canhoes; os paióis são subterrâneos à semelhança do anterior.

O baluarte do Trem é constituído por 13 canhoes e o de St<sup>a</sup> Bárbara por 23. O baluarte de S. João de Deus tem 28 canhoes e, sendo o maior, possui as casamatas no seu subsolo.

Os revelins ligavam os baluartes dois a dois e estabeleciam a ligação por pontes sobre o fosso. No extremo de cada ponte, a casa da guarda tinha alojamento para vários soldados e um oficial. (Anexo G)

O picadeiro d'El Rei sofreu várias adaptações. Originalmente serviu de Trem de Artilharia, onde existiam diversas forjas para a manufactura e reparação do material de guerra; foi depois quartel do Destacamento de Artilharia e Hospital Militar, mas a organização do seu

---

<sup>14</sup> Um revelim é uma obra da arquitectura militar que normalmente se encontra entre dois baluartes. Tem uma estrutura triangular e garante uma defesa avançada duma praça ou fortaleza.

<sup>15</sup> Abertura no chão que permite observar o inimigo de cima e lançar sobre ele pedras ou, ao estilo mouro, azeite a ferver, entre outras coisas.

<sup>16</sup> Adarve é o nome que se dá ao caminho no topo das muralhas que une as torres e ameias.

espaço e a existência de fornos levou à sua transformação em Assento ou Fábrica do Pão de Munção.

Vauban desenvolveu este tipo de arquitectura militar em estrela com baluartes nos vértices criando fortalezas virtualmente inexpugnáveis. Os vértices e arestas virados em todas as direcções permitem observar constantemente toda a paisagem envolvente e, mais importante, permite que nenhum indivíduo seja capaz de atacar qualquer lado da fortaleza sem que seja batido por outro<sup>17</sup>. A sequência de revelins e baluartes em conjugação com os fossos tornam as vilas assim fortificadas em construções quase impenetráveis só capituláveis por cerco. E é isso que historicamente acontece a Almeida. Os assédios às suas muralhas terão que ser muito intensos para as tornar fracas ao ponto de penetrar no dispositivo, aumentando obrigatoriamente a fracção de três para um acima referida em sete ou oito para um e talvez mais quando a fortaleza é bem guarnecida.

---

<sup>17</sup> Princípio do apoio mútuo.



## 4. O Ataque a Portugal

### a) Preparativos de Massena

Assim que chega a Valladolid, o Marechal Massena é confrontado com um escrito que Ney lhe faz chegar e que lhe dá conta da situação na sua área de influência. O Duque de Echingen diz- lhe estar certo de tomar Ciudad Rodrigo desde que à sua retaguarda o 8º CE<sup>18</sup> se mantivesse pronto ir em seu auxílio. Defende que Wellington tem o seu quartel-general em Viseu e que uma marcha combinada de dois CE sobre essa cidade seria suficiente para destruir o planeamento do Marechal inglês. Só depois de tomada Viseu se deviam fazer os cercos a Ciudad Rodrigo e Almeida e enviar destacamentos para pontos essenciais de Portugal para o desarmar. (Koch, 2007)

Só mais tarde Massena se faz acompanhar do Duque de Abrantes e reúne-se com Ney junto a Ciudad Rodrigo. É informado do atraso na preparação do cerco e dá conta que é impossível utilizar os recursos de *Ciudad Rodrigo* que assenta numa região bastante seca e árida.

Torna-se imperioso para o Marechal adiar o cerco e manter, a todo o custo, as comunicações com as Astúrias, de onde vinham as suas provisões. Teria que manter assim uma grande unidade para pacificar a zona entre Valladolid e León que tem vindo a ser alvo de ataques de bandos aos comboios de abastecimentos para oeste. O cerco de Ciudad Rodrigo mantém-se com Ney e manda duas Divisões do 8º CE para o apoiar.

Empenha demasiadas unidades em missões de apoio e sustentação pelo que perde assim a capacidade de passar à ofensiva.

Entretanto, o Imperador manda informar Massena que a região de Castela-a-Velha é retirada da circunscrição do Exército de Portugal, o que significa que a maior fonte de abastecimento do exército é agora anulada. É um duro golpe ao planeamento do marechal e o início de uma série contratempos políticos que acabam por atrasar a invasão.

Multiplicam-se os bandos e a instabilidade aumenta. As unidades dependem umas das outras. A tensão entre comandantes também aumenta devido ao facto de perderem a mobilidade e unidade de comando em detrimento da protecção às unidades contíguas. Contribuindo mais ainda para a instabilidade, os governadores das províncias lutavam entre eles para se fazerem sobressair numa Península que já viam unificada. O bloqueio a marchas das unidades logísticas de forma a acumular provisões nas suas províncias era já

---

<sup>18</sup> Comandado por Junot.

habitual.

As dificuldades maiores eram resultantes da má gestão de unificação por parte do Rei José. (Koch, 2007)

A amizade entre Massena e José remontava já à campanha de 1800 e o marechal estava certo que, se dependesse do rei, teria tudo o que precisava para abastecer o seu exército. José não se fazia respeitar e as suas ordens eram desvalorizadas por todos. Por muito que quisesse ajudar, José não se conseguia fazer valer para auxiliar o Exército de Portugal e Massena teve que jogar com os recursos locais e as alianças oficiosas entre os seus comandantes.

As ordens de Massena são, desde que chega a Valladolid, para obter o máximo de informação sobre Portugal e o exército anglo-luso.

Recebe frequentemente jornais ingleses que lhe dão informações sobre os pedidos de Wellington ao seu governo. Sabe dos oficiais ingleses enviados para o comando das tropas em Portugal e da frota estacionada na foz do Tejo, (Koch, 2007)

Fazendo valer-se dos oficiais portugueses sob o seu comando, Massena ordena um estudo o mais detalhado possível da zona onde vai penetrar. Pretende informações sobre recursos, estradas, topografia em geral, dimensões, praças e capacidades. O Marquês de Alorna chefia essa comissão e é entregue ao marechal um relatório pormenorizado sobre o país que estava prestes a invadir. As informações incidem sobre a região da Beira, zona onde vai penetrar com o Exército de Portugal.

Dá-se conta que as brechas na fronteira portuguesa encontram-se entre o Guadiana e o Douro, com penetrações possíveis a Norte da Serra da Estrela conduzindo à estrada Salamanca - Coimbra e desta a Lisboa.

Por forma a assegurar esta ligação Napoleão assume necessário ultrapassar as praças de *Ciudad Rodrigo* e Almeida, que não controlava. Para as tomar e apoiar a invasão teria que controlar a primeira e estabelecer nela as provisões necessárias para o cerco da outra. Almeida encontra-se numa faixa de terreno propícia às operações militares entre uma linha de alturas e as margens do rio Côa.

Rapidamente se torna claro para Massena que, para tomar a praça portuguesa, é vital que se conquiste anteriormente a espanhola.

## b) A defesa de Portugal

O Duque de Wellington sabia que Portugal cairia quando Lisboa fosse novamente francesa pois este era o objectivo estratégico da invasão. Era também do seu conhecimento que a muralha que envolvia a capital e que em tempos manteve tanto os portugueses cruzados como depois os mouros fora da Lisboa medieval estava obsoleta e incapaz de manter o inimigo à distância. A evolução do armamento e da táctica obrigavam a uma defesa que a muralha mourisca não oferecia.

Junot, aquando da primeira invasão mandou realizar um estudo ao seu corpo de engenheiros (em parceria com engenheiros militares portugueses) para a defesa da capital recém-ocupada.

Temos que ter em conta que as ordens deixadas pela Casa Real foram para “receber os franceses”; Lisboa estava ocupada, as tropas francesas controlavam a população citadina e precavam de escaramuças e revoltas de maior; havia no entanto o problema do povo português se organizar fora da capital e marchar sobre esta. Numa situação assim as tropas francesas teriam que ter o tempo necessário evitando o combate, se assim fosse decidido. Desta forma, do estudo realizado pelo tal corpo de engenheiros resulta numa defesa afastada da Capital

Wellington, baseando a sua decisão neste resultado, decide afastar as linhas defensivas do centro estratégico do Reino.

Com os seus conselheiros militares, reconhece as linhas a Norte de Lisboa e elabora o primeiro esboço do que seriam as Linhas de Torres Vedras:

- A defesa será afastada de Lisboa;
- Haverão 3 linhas fortificadas a Norte e duas a Sul sendo que as mais próximas da capital deverão permitir o embarque atempado e em segurança das tropas inglesas;
- Todas as fortificações e pontos defensivos deverão ser capazes de comunicar entre si e para Lisboa;
- A capital será barrada nos seus eixos de aproximação principais.

As decisões do Duque de Wellington englobavam uma série de pontos para além das linhas defensivas de Lisboa. Se parte da população estava empenhada em acções militares e para-militares, os restantes tinham pela frente a altruísta missão de se despojarem dos seus bens em prol da defesa indirecta da Pátria.

Era objectivo do Duque levantar o mais depressa possível o exército português de primeira

linha e recrutar os restantes em milícias e ordenanças. Para quem não fosse recrutado, a missão era simples: destruir os seus bens, produtos e mantimentos para que as tropas francesas não pudessem fazer uso deles. Era a política da guerra queimada.

Os recrutamentos da população, treinos e, sobretudo, a construção das Linhas de Torres deveriam ser mantidos sob o maior segredo.

Foi encontrada uma forma de unificar o exército anglo-luso organizando a cadeia hierárquica alternadamente com oficiais portugueses e ingleses. Muito embora o comando operacional e logístico fosse inglês (Wellington e Beresford), os comandos das unidades eram intercalados: se o comandante fosse português, o segundo comandante era obrigatoriamente inglês, assegurando sempre dois sargentos por batalhão responsáveis pela instrução das tropas. Ainda assim ressalvavam-se os comandos regionais para oficiais nacionais, sendo a Sul o general Francisco Leite, no centro o general Bacelar e a Norte o general Silveira. (Pires *et al*, 2002)

As milícias e ordenanças tinham missões que actualmente chamaríamos de operações especiais ou clandestinas: ocupavam-se de cortar as linhas de comunicação do inimigo e infligir danos esporádicos de forma a atrasar e desorganizá-lo, deixando o empenho decisivo em combate para as tropas de primeira linha.

As fortificações existentes, sobretudo as que davam acesso a Portugal, foram também reforçadas com efectivos e melhorias a nível estrutural. Salientam-se as reformulações e aumento de pessoal nos fortes de Almeida, Elvas, Peniche e Abrantes.

Em Janeiro de 1810, as tropas portuguesas encontravam-se distribuídas da seguinte forma:

- Quartel general (QG) em Viseu
- 3ª Divisão em Trancoso
- 4ª Divisão na Guarda
- Divisão Ligeira na fronteira junto a Ciudad Rodrigo
- 2ª Divisão em Portalegre

Quatro meses depois, em Abril, o QG e a 3ª Divisão mudam-se mais para Oeste, para Celorico e Pinhel, respectivamente. (Pires *et al*, 2005)



### c) *Ciudad Rodrigo* - Cerco e capitulação

*Ciudad Rodrigo* era mais importante para os franceses, que necessitavam duma base firme para invadir Almeida, do que para manter a defesa Portugal, pois Wellington dispunha de mais praças entre Castela e as Linhas de Torres capazes de atrasar o avanço francês.

*Ciudad Rodrigo* está disposta num planalto árido e envolta numa fortaleza com baluartes que sugere uma estrela embora muito difusa. Para quem observa, não tem a configuração de Almeida, com a vila dentro da fortaleza; apresenta-se antes como uma fortificação construída posteriormente em redor da cidade. Encontra-se defensivamente mais debilitada pois não sofreu remodelações e a sua guarnição manifestar-se-á insuficiente. A cidade posiciona-se nas margens do rio Águeda e tem nas suas proximidades arrabaldes ligeiramente mais elevados que permitem alguma superioridade a quem os ocupar.

Depois de todos os contratempos no planeamento de Massena, *Ciudad Rodrigo* é sitiada e a 11 de Junho de 1810, o convento de Santa Cruz, num arrabalde elevado da cidade, é ocupado pelas tropas francesas. Daí saem todas as diligências iniciais para o cerco próximo da praça.

A engenharia é lançada coberta pelo fogo da artilharia no arrabalde e pelas companhias de infantaria à sua frente e começa a construir a trincheira afastada. As linhas de trincheira são abertas durante 19 dias. A sua construção é sempre apoiada pelo fogo das unidades de combate e por patrulhas que executam flagelações nos postos avançados.

Ney ordena a abertura de trincheiras em locais que o comandante da engenharia desaprova e que vêm a verificar-se ineficazes e a atrasar a construção das linhas.

Enquanto isso, manobras de diversão são levadas a cabo noutros pontos da praça para ocultar a construção de braços de trincheira cada vez para mais perto da fortaleza. Os reconhecimentos em força são usados em muitas das vezes para deslindar a posição das bocas de fogo espanholas e permitir um planeamento mais seguro do cerco.

A 30 de Julho, um grupo de desertores castelhanos dá informações às tropas francesas do estado lastimoso da defesa da praça; a situação é tal que o governador terá ordenado para a abandonar, retirando para a margem esquerda do Águeda.

Ney é decidido ao enviar tropas para bloquear essa eventual fuga e o governador de *Ciudad Rodrigo*; ao aperceber-se das movimentações das tropas no exterior das muralhas, envia uma mensagem ao Duque de Wellington dando a praça como perdida se este não vier em seu auxílio.

Wellington, cujo planeamento não contemplava reforçar o efectivo em *Ciudad Rodrigo*, não

o demonstra peremptoriamente e até cede aparentemente deslocando parte do seu QG para perto de Celorico.

Massena, ciente da posição de Wellington de não se empenhar na defesa de Ciudad Rodrigo, fica alarmado com a sua última decisão e, embora não o esperasse, desloca duas brigadas para deter um eventual avanço anglo-luso em socorro da praça.

Os combates intensificam-se entre franceses e as tropas sitiadas. As trincheiras de cerco estão completas e há já algumas brechas na muralha de Ciudad Rodrigo que são fortemente defendidas pela sua guarnição.

A 5 de Julho Massena ordena o assalto da fortificação e dá o seu comando a Ney.

Cerca das 15 horas desse dia, com as trincheiras próximas da muralha já repletas de soldados impacientes, ao som da música que ocupava a frente na coluna, *três valentes transpõem num abrir e fechar de olhos as brechas das duas cercas, alcançam a muralha e abrem fogo sobre o inimigo aos gritos de Vive l'Empereur!* (Koch, 2007, p.64)

As colunas dirigem-se em passo de corrida para a base da muralha determinadas a entrar na cidade mas a guarnição arvora a bandeira branca. Ciudad Rodrigo rende-se às 18 horas do dia 9 de Julho de 1910.

O general Herrasti, comandante das tropas em *Ciudad Rodrigo*, apresenta-se ao Duque de Elchingen que o saúda respeitosamente e poupa aos seus oficiais a vergonha submissa de lhe entregar a espada.

Era impossível parar o ímpeto de Ney. Este tinha a sua divisão nas proximidades de Ciudad Rodrigo há muito e estava fora de questão para Massena aumentar a tensão entre os dois recusando o cerco. Ainda assim, as más orientações dadas por Ney à engenharia por forma a apressar a abertura da brecha acabaram por só atrasar a operação.

Cai assim Ciudad Rodrigo 16 dias depois de trocas de fogo nas suas proximidades. Este era o último reduto antes da fronteira com Portugal e embora não tenha significado uma vitória que prognosticasse uma invasão fácil, era uma base importante para apoiar o cerco de Almeida.

Ocupada a cidade castelhana, está delineado o plano francês: não restam dúvidas, Almeida vai ser sitiada.

#### d) Combates na fronteira

Entre Ciudad Rodrigo e Almeida, só o pequeno forte de *la Concepción* em Aldea del Obispo se impunha. As suas muralhas eram fortes e a guarnição essencialmente inglesa. Após reconhecimentos à zona, Loison pressupôs que a defesa desse forte os manteria fora por não mais de seis dias. Quando a artilharia francesa deixou as muralhas em ruínas os comandantes, sob as ordens do Imperador, assumiram que os ingleses não defenderiam Almeida de forma diferente de Ciudad Rodrigo.

Os reconhecimentos continuam em território português. Os postos avançados nas cumeadas das colinas não são suficientes para repelir as incursões mas dão informação do efectivo e intenções das tropas francesas.

À medida que os reconhecimentos franceses se aproximam da praça, as trocas de tiros entre os soldados ingleses de Crawford e as tropas francesas intensificam-se. As forças de reconhecimento relatam que a Divisão de Crawford passou para lá do Côa. Entretanto Cox, governador de Almeida, continua a fortificação e equipamento da praça mas dá-se conta das suas principais vulnerabilidades: Wellington rejeita repetidamente os pedidos de reforços.

A posição da praça, aquém Côa, não era a que ele escolheria, no entanto continua a treinar os homens e a dispor as forças.

Os canhões da praça não cobrem pelo fogo as margens do rio o que impede um alívio coberto a tropas vindas de Oeste; para além disso, o inimigo também não poderá ser batido a essa distância.

As tropas francesas avançam vindas de Sul, com Almeida a Norte (ficando com o Côa à esquerda e a estrada de *Ciudad Rodrigo* à direita) para cercar a praça. Crawford, que tinha a sua Divisão nas pequenas elevações do Cabeço Negro a Sudoeste de Almeida, apressa-se a enviar a sua cavalaria para a margem esquerda do rio (margem onde está Almeida) de forma a travar o avanço francês. A guarda que avançava de Loison dá conta das intenções do general inglês e ataca com a sua cavalaria impedindo essa manobra. Todas as tropas aliadas precipitam-se de novo para a ponte ou para o que fazia margem ficando numa situação inferior e desvantajosa. As tropas francesas ocupam posições na margem esquerda do rio e há uma intensa troca de tiros sobre as tropas portuguesas e inglesas que tentam destemperadamente reorganizar-se debaixo de fogo e dum temporal impiedoso que entretanto se abateu. Só as tropas protegidas nas quintas muradas do Cabeço Negro se mantiveram em formação e impediram que a cavalaria de Ferrey atravessasse a ponte e dizimasse as tropas desorganizadas na outra margem. (Anexo H) Nessa noite as tropas aliadas flageladas pela batalha retiram para Celorico e Pinhel. Assim, a 24 de Julho dá-se a

terrível batalha do Côa que não prognostica um futuro auspicioso para o cerco que se avizinha. (Anexo I)

Estava aberto o caminho até à fortaleza. As tropas da brigada de Simon envolvem a praça à distância e propõem os termos de rendição a Almeida. Cox, o governador, rejeita-os altivamente.

Os franceses ocupam posições afastadas das muralhas e os observadores ingleses denotam que a artilharia francesa não é, de longe, suficiente para atacar a praça. Em cartas a Beresford, Cox releva que a lentidão das operações parece indicar que os franceses preferem apenas isolar a praça em detrimento do cerco.

#### e) Cerco e capitulação de Almeida

Massena e o seu Estado Maior ocupavam agora o seu QG no forte de *la Concepción* e coordenavam daí as operações. Também é aí que lhe chegam diariamente os resultados dos trabalhos das últimas 24 horas. Esses relatórios são tais que Massena demonstra algum pessimismo quanto às probabilidades de conquistar Almeida no tempo previsto.

Do lado português, as notícias do que aconteceu em Ciudad Rodrigo espalham-se depressa e pondera-se entre a população abrir a praça sem combater para evitar o sofrimento e destruição da cidade. (Roa, 2009)

Os trabalhos de construção das trincheiras são altamente desmoralizantes para as tropas. Como apresentei anteriormente, o solo da região é essencialmente granítico e cavá-lo à força de braço a uma altura suficiente para cobrir homens e artilharia revela-se uma obra hercúlea. Há locais onde é impossível avançar mais de 30cm no solo sem encontrar pedra sólida.

Os estudos que os oficiais de engenharia de Massena executaram resultaram num plano em que o ponto de entrada preferencial é o baluarte de S. Francisco. A posição dos revelins favorece a aproximação porque, devido à sua inclinação, cria uma zona morta que permite o avanço de homens a coberto. Para além disso, o solo nesse quadrante da fortaleza é mais maleável e uma ligeira depressão no terreno apoia a construção da trincheira até a muralha.

A construção das trincheiras iniciou-se a 14 de Agosto. A primeira paralela de trincheiras estava a cerca de 600m da fortaleza e ocupava posição a Sul e a Sudeste da cidade.

Desde logo surgiram as dificuldades na construção das trincheiras e a partir de 15 de Agosto os engenheiros optaram por fazer explodir os afloramentos rochosos que impediam o afundar dos abrigos. Foi neste dia, coincidente com o aniversário do Imperador, que se

iniciou o ataque à praça.

Enquanto as escavações decorriam, mais a Este no QG de Massena discutia-se onde se haveriam de colocar as baterias de forma a fazer fogo sobre Almeida. Mais uma vez foram chamados os oficiais portugueses para aconselharem a decisão, entre eles o Marquês de Alorna que já havia estado aquartelado no interior da fortaleza. As informações por este prestadas eram de alguma forma incongruentes com as observações dos reconhecimentos, o que ainda dificultou mais a decisão.

Para suprimir as dificuldades de afundar o solo nas trincheiras, os soldados franceses elevavam paliçadas e espaldões de forma a protegerem-se dos rebentamentos da artilharia. Ainda assim as explosões das granadas aliadas surtem um efeito potenciado pelos estilhaços de pedra que saem projectados contra os soldados franceses.

A segunda paralela é construída a 300m da fortaleza, debaixo dum fogo intenso da praça acompanhado de explosões de pedra que desmoralizam as tropas francesas que sentem que lutam tanto contra os portugueses como contra o terreno.

É nesta paralela que Massena decide colocar as baterias que vão apoiar a abertura de brecha. São unidades equipadas com bocas de fogo de 24 que, por fazerem fogo de bastante mais perto, permitem salvaguardar os gastos desnecessários de munições a grandes distâncias. São no entanto apoiadas pelas baterias instaladas nos arrabaldes de S. Francisco e Stº Antonio que apoiam o combate a Noroeste e Nordeste de duas posições ligeiramente elevadas.

As obras de construção das paralelas, alargamento e criação de comunicações com o exterior são levadas a cabo ao longo dos dias seguintes. (Anexo J)

Boatos captados pelos reconhecimentos e contactos com as populações das tropas francesas com as vilas vizinhas trazem desde Pinhel a notícia que o patriarca de Lisboa<sup>19</sup> pressiona constantemente Wellington para avançar sobre as forças que sitiam Almeida.

Entretanto as comunicações por semáforo entre Almeida, Celorico e Guarda são cada vez mais frequentes o que, de alguma forma, corrobora com os medos de Massena das tropas aliadas marcharem sobre Almeida. Na noite de 20 de Agosto, um foguete luminoso ergue-se sobre Celorico prognosticando uma operação iminente. (Koch, 2007)

Massena, muito embora considere insensata essa decisão de Wellington, ordena que os CE mais recuados avancem sobre o Águeda de forma a aliviar as tropas de cerco em caso de a informação ser real.

---

<sup>19</sup> O Bispo não embarcou com a comitiva real para o Brasil e por sucessões sistemáticas considera-se representante da coroa.

Wellington tem como política não combater em campo aberto até porque estamos a falar de um dos exércitos mais experientes do mundo e habituados a combater em encontro directo. Evita essas batalhas esperando que o inimigo procure cercar e atacar as praças ganhando assim tempo para a derradeira defesa da Lisboa nas Linhas de Torres Vedras.

Os preparativos para o ataque manifestam-se bastante demorados. As cargas da cavalaria fora da fortaleza atrasam os trabalhos e as linhas de comunicação são cortadas. As peças de artilharia que vêm de Ciudad Rodrigo demoram mais de dois dias a ocupar as posições em Almeida.

Enquanto os trabalhos de construção continuam, repetem-se os assédios às imediações da fortaleza quer como diversões quer como reconhecimentos. Alguns destes são repelidos fortemente porém outros são sucessos franceses. A verdade é que Almeida parecia estar ali para resistir.

No dia 25 de Agosto (11º dia de confrontos em Almeida) a bateria frente ao bastião de S. Francisco recebe ordens para fazer fogo: *cada obus deve disparar seis tiros por hora, a intervalos de nove a dez minutos*. (Koch, 2007)

As restantes baterias abriam fogo contra a meia-lua que liga os baluartes. Às cinco da manhã do dia 26, todas as bocas abriam fogo para os objectivos pré-definidos. A praça respondia com vivacidade equivalente mas esta vai-se perdendo com o passar das horas. Começam a vislumbrar-se pequenos incêndios no interior da fortaleza mas nada de extraordinário tendo em conta a ferocidade dos bombardeamentos.

Por volta das 19 horas desse dia ouve-se uma tremenda explosão e grandes focos de incêndio avistam-se dentro das muralhas. Duas das bombas francesas atingem o paiol principal instalado no castelo medieval e fazem-no explodir deixando em ruínas grande parte da vila. Estima-se que 75 000kg de pólvora tenham explodido dentro da torre. (Buttery, 2007)

Só com o nascer do dia seguinte os estragos se tornaram evidentes. Cox, governador da praça apercebe-se que lhe restam apenas 39 barris de pólvora e é insustentável defender assim a Vila.

Massena ordena o cessar-fogo e envia dois oficiais portugueses ao interior das muralhas propor os termos de rendição. Entre eles encontra-se o Capitão Gama (oficial português ao serviço de Napoleão) ainda assim, ambos são vendados e levados à presença de Cox. O governador, apesar de bem ciente da insustentabilidade da defesa da praça, espera ainda que Wellington venha em seu auxílio, porém o seu conselho de guerra é a favor da capitulação. Cox, rejeita-a ainda assim e envia alguns oficiais seus ao encontro de Massena para afinar as negociações.

Esta manobra visava apenas ganhar tempo: foi pedido para a guarnição abandonar a praça com o seu equipamento o que, com era óbvio, demoraria pelo menos dois dias. Massena recusou.

Os bombardeamentos recomeçam até Cox ter a plena noção da necessidade de rendição que, como em Ciudad Rodrigo, Wellington mais uma vez se recusara a aliviar o esforço das praças.

Almeida cai com alguma rapidez devido a um infortúnio golpe cuja culpa não pode cair necessariamente sobre ninguém. Onze dias de cerco e Almeida capitula.

Dia 28 as tropas francesas entram na fortaleza e de imediato são dadas ordens de reconstrução. As muralhas exteriores encontram-se ainda funcionais, é no interior que se vêem os estragos da explosão catastrófica.

São confiscadas todas as armas e munições mas a mais-valia do espólio de Almeida é a imensa quantidade de víveres que indica que a fortaleza estava preparada para resistir por muito mais tempo.

A queda de Almeida desconcertou Wellington que planeava uma resistência até ao Outono. Mais uma vez a sua política é altamente criticada pela regência portuguesa que conspira entre si para a substituição dos subalternos ingleses. Os resquícios da regência portuguesa defendem o combate de encontro com as tropas francesas ao invés do retardamento de Wellington mas a região que se apresenta ao exército francês está completamente desolada e desprovida de recursos, as populações abandonaram as propriedades e queimaram as terras, para além disso, o Exército de Portugal preparava-se para atravessar a Beira Alta e, por muitos recursos alimentares que dispusessem do saque de Almeida, não seriam de forma alguma suficientes. Wellington sabia-o.

A guarnição é então desarmada e feita prisioneira, os milicianos são dispensados e podem voltar as suas ocupações de antes. Alguns oficiais recrutados para servir Napoleão acabam por desertar e regressar ao comando inglês ou português.

As baixas francesas ficam por 58 mortos enquanto nós perdemos 600 homens e 3 400 ficam feridos. O tempo perdido também é quantificável em perda, o que deveria durar 90 dias durou 11 e as tropas francesas dirigem-se para Viseu, rumo a Coimbra.

#### f) Rumo a Viseu

Com a queda de Almeida está estabelecida a base para o ataque a Portugal. O Eixo da Beira apresenta-se aberto para as tropas de Massena. As opções são agora duas: seguir

por Norte para Viseu ou para Sul contornado por baixo a serra da Estrela.

As tropas francesas nas imediações de Badajoz prognosticam uma eventual invasão em duas frentes que tornam bastante mais complexa a defesa. Massena confia que essa tarefa seria concretizada pelo exército de Soult e descarta-a com a esperança de marchar sozinho e vitorioso sobre Lisboa.

É com satisfação que Wellington vem a saber que Massena opta pela rota que segue por Norte. As populações já haviam sido evacuadas e as propriedades queimadas, as estradas eram más e os homens que por lá ficaram transformaram-se em ordenanças do exército aliado.

Imediatamente depois de Almeida, o Exército de Portugal depara-se com a degradação das estradas beirãs. Grande parte destas limita-se a pequenos caminhos rurais de terra batida impraticáveis para a artilharia. Os oficiais portugueses ao serviço francês revelam-se incapazes de orientar as movimentações das tropas por não conhecerem minimamente a região. A vanguarda francesa é frequentemente obrigada a reconstruir estradas de forma a artilharia seguir por elas.

O efectivo do Exército de Portugal é agora de cerca de 45 000 homens devido às baixas e às guarnições que se viram forçadas a ocupar as fortalezas. A 15 de Setembro, a ordem de marcha francesa tinha na Guarda o II CE, nas breixedas (Pinhel) o VI e o VIII a Oeste do Côa. A cavalaria comandada por Montbrun escoltava os abastecimentos ao longo do eixo. (Pires *et al*, 2002)

As tropas francesas marcham desde Julho e as paragens que fazem revelam-se ainda mais desgastantes devido às operações de cerco que executam.

É incontornável que as tropas se sintam exaustas para além do equipamento, nomeadamente sapatos e uniformes, estarem desgastados pela vida em campanha. É este exército com que Massena tem que contar para atravessar a Beira.

Sabe-se que o Exército Português é constituído por cerca de 48 000 homens e marcha sem nenhuma reserva. Massena estava preocupado com o seu avanço no interior de Portugal pois sabia que quando estivesse a uma distância considerável, as ordenanças isolariam as praças de abastecimentos e nada os poderia deter.

Os 60 000 homens que Napoleão recusara a Massena seriam suficientes para marchar por Norte (Guarda - Viseu) e por Sul (Sabugal - Fundão) seguindo pela margem direita e esquerda do Mondego. Assim, com o efectivo real, a única hipótese que se afigurava a Massena e ao seu Estado Maior era marchar sobre Viseu e Coimbra instalando hospitais e depósitos, esperançado que estas cidades dispusessem dos víveres que necessitava.



Viseu revelou-se um embuste. A população de seis ou sete mil pessoas estava reduzida a uns escassos anciãos que se recusaram a abandonar as suas casas e a de outrora fértil região entre o Mondego e o Vouga estava estraçalhada e de culturas impraticáveis pelas queimadas.

A 18 de Setembro, enquanto a vanguarda francesa parava em Viseu para deslumbrar a desolação real da cidade, o resto do Exército estava disposto ao longo do Eixo a responder a constantes escaramuças das populações de Mangualde e Fornos.

Viseu fora tempo perdido, era imprestável para as necessidades de Massena; porém este não podia ficar parado fora de aquartelamento defensável e com mantimentos. O Exército de Portugal continuava a ser alvo de flagelações da população da Beira e o Marechal vê-se obrigado a avançar.

O cansaço e desgaste do Exército de Portugal reduzia-os a pouco mais que os maltrapilhos de Soult que viram a família Real zarpar para o Brasil.

A marcha sobre Coimbra tinha que continuar ainda assim, por isso a 23 de Setembro o Exército de Portugal deixa Viseu e segue rumo a Coimbra caindo a 27 desse mês nos desfiladeiros da serra do Buçaco.

O Exército de Portugal demora 20 dias de Almeida a Viseu na esperança de aí se abastecer e guarnecer. As expectativas são defraudadas e a marcha forçada levada a cabo debaixo das flagelações das ordenanças revela-se infrutífera e obrigam a marcha a continuar rumo a Coimbra.



## 6. Resultados

Como resultado duma investigação científica surgem factos que são filtrados e decompostos através da malha que é uma questão central, e que se nos apresentam como fruto de uma pesquisa

No presente trabalho procurava perceber a real importância do episódio de Almeida para preparação da defesa aliada de Portugal e, conseqüentemente, a escolha do Eixo de Aproximação para a capital.

Os resultados que apresento neste capítulo são o fruto “em bruto” da pesquisa dos últimos meses.

Os factos são apresentados cronologicamente e respeitando também a ordem pela qual são tratados no corpo do trabalho.

Assim, como principais resultados retirados de *Massena e o Exército de Portugal* temos:

- Massena, apesar de suas capacidades militares, é um filho da revolução e a sua ascensão dificultava-lhe a ascensão a um posto de Marechal não fosse a época em que vivera;
- As campanhas em Itália oferecem ao Marechal importantes valências no combate de montanha;
- As divergências com Napoleão remontam já aos tempos em Itália;
- Massena tenta a carreira política, porém, sai derrotado e envergonhado;
- O Marechal deseja retirar-se da vida militar após a vitória contra os austríacos na Campanha do Danúbio;
- Estabilizada a situação na Prússia, Portugal e a Rússia são dos maiores problemas de Napoleão;
- O imperador assume que comandará a derradeira invasão a Portugal e estabelece desde logo as coordenações iniciais para a campanha;
- Atrasos inerentes a matérias do foro pessoal do imperador atrasam continuamente a invasão;
- Massena parece a “escolha acertada” para comandar a campanha;
- O Marechal apresenta-se ao serviço contra a sua vontade;
- Napoleão, mesmo em França, procurava tomar todas as decisões de comando suplantando Massena;
- Desde o efectivo ao plano, Massena discorda do Imperador nas suas decisões;
- Vários oficiais portugueses vieram de Paris e juntaram-se a Massena a seu pedido;

- O Exército de Portugal estava disposto junto à Beira Alta e ao Alentejo.

Fundamentada no objectivo deste trabalho, a investigação carecia de uma abordagem a uma das suas principais fontes de informação – A Fortaleza de Almeida. Para além dos pormenores técnicos precisava de saber que importância tivera em conflitos passados e de que forma estava preparada para receber a investida das tropas francesas em 1910. Desta forma, do capítulo em questão surgem os seguintes resultados:

- A importância de Almeida remonta já a muito antes das Invasões francesas. A sua posição no terreno concede-lhe um papel importante na defesa do território nacional;
- Almeida sofre inúmeras requalificações ao longo dos anos. São feitas construções em volta das já existentes;
- A fortaleza é de planta hexagonal tipo Vauban. Tem seis baluartes e cada dois são ligados entre si por um revelim;
- O fosso tem em média 10m de profundidade e a largura difere entre 10 e 60m;
- A entrada para a fortaleza é feita por três portas em túnel de construção anti-bomba e outras tantas portas falsas dissimuladas que ligam o fosso à praça;
- Os revelins ligam-se às portas por pontes sobre o fosso e estão colocados em apoio mútuo de forma a que se protejam entre eles, para além disso todos cobrem as entradas com fogo de canhão;
- As fortalezas pensadas por Vauban são virtualmente inexpugnáveis, pelo que só a capitulação por cerco poderá resultar, como conta a história de Almeida;
- Almeida está colocada estrategicamente numa posição defensiva do território nacional, porém, os relatos de quem a ocupou são coerentes relativamente ao facto de que se a fortaleza estivesse mais a Este, além do rio Côa, a sua defesa era facilitada por este obstáculo natural.

Outra vital fonte de informação é o Eixo da Beira. O traçado foi escolhido por Massena e o seu estado maior em direcção a Lisboa. A informação retirada deste estudo é relativa aos pontos fundamentais dum eixo de aproximação, a conjugação destes apoiará sempre as decisões tomadas durante a progressão. Apresento em seguida os principais pontos resultantes deste estudo:

- Os itinerários eram, fundamentalmente, para tropa a pé;
- O objectivo estratégico é a conquista da capital;
- Os objectivos tácticos são cidades que possam servir de base firme apoiando as tropas em mantimentos e recursos sanitários – Viseu e Coimbra;
- Este eixo é a entrada óbvia em Portugal para quem tem tropas em Castela;

- É delimitado a Norte pela Serra da Marofa e a Sul pela Serra da Malcata;
- O terreno apresenta uma orografia acidentada com altitudes médias de 700m;
- A Serra da Estrela está no seu traçado mas é facilmente contornável por um itinerário que a rodeia e que se apresenta relativamente fácil e praticável;
- O corredor de mobilidade central é a escolha mais adequada, porém requer a conquista de vários pontos importantes de elevação superior que conferem superioridade a quem os controlar;
- A manutenção de tropas em altitudes elevadas é desaconselhada;
- A vegetação é variada ao longo do eixo e adensa-se nas proximidades dos cursos de água;
- As povoações estão normalmente circundadas por um círculo exterior de árvores altas ou de copa redonda e, à medida que nos aproximamos do centro, vão então aparecendo as terras de cultivo;
- As zonas com arborização que podem constituir-se como obstáculo estão na região de Mangualde – Viseu;
- As terras de cultivo mais férteis encontram-se naturalmente nas margens dos cursos de água, nomeadamente o Mondego, Dão e Zêzere;
- A vinha e os cereais são as plantações mais abundantes ao longo do eixo;
- O rio Côa e a Ribeira de Massueime são os primeiros obstáculos hídricos do eixo. O primeiro não é vadeável e a ponte em Almeida é um importante reduto. A ribeira apresenta-se vadeável mas a ponte na Guarda é a melhor opção para o Inverno;
- O rio Dão é um pequeno curso de água ao início mas que se transforma num rio não vadeável para jusante; tem pontes em Mangualde, Viseu, Penalva e Nelas;
- O Mondego é um grande rio que atravessa o eixo. As margens são importantes para o cultivo. A sua travessia a vau é impraticável e tem pontes em diversos pontos do seu traçado;
- O Zêzere, por atravessar o eixo longitudinal e transversalmente, pode separar as tropas invasoras em dois blocos;
- O solo apresenta-se seco e rochoso ao longo de todo o eixo com excepções apenas para as zonas envolventes aos cursos de água;
- As alterações resultantes da acção do homem mais relevantes são definitivamente as cidades e as fortificações;
- Almeida e as povoações fortificadas circundantes (incluindo a aldeia espanhola de *Ciudad del Obispo*) são os primeiros obstáculos;
- Guarda, Pinhel e Trancoso surgem no decorrer do percurso e são obstáculo pelas suas posições fortificadas e castelos;
- Mangualde e Penalva do Castelo são os últimos redutos antes de Viseu; não têm fortificações capazes mas apresentam-se como obstáculo devido à população;

- Mais a Sul, a Covilhã e o Sabugal são vilas que também podem oferecer resistência;
- Os Verões quentes e secos e Invernos frios e húmidos são característicos da Beira;
- A altitude elevada da região confere-lhe características favoráveis à queda de neve (com as consequências de daí advêm).

É incontornável escapelizar o Ataque a Portugal. É um capítulo onde procuro entender as decisões e acontecimentos para depois os relacionar com o Eixo da Beira e as decisões dos comandantes. Surgiram como principais resultados:

- Ney, desde logo testa a autoridade de Massena e confronta-o com propostas que não são aceites;
- O cerco de *Ciudad Rodrigo*, comandado por Ney, atrasa-se;
- As provisões que vinham das Astúrias são constantemente atacadas por milícias e bloqueadas pelos governantes;
- São necessárias tropas para pacificar esses comboios;
- José Bonaparte é incapaz de governar Espanha;
- *Ciudad Rodrigo* e Almeida materializam-se como fundamentais para apoiar a invasão;
- Wellington prepara a defesa de Portugal com base em linhas afastadas de Lisboa;
- Estas linhas defensivas deve ser o principal esforço, podendo as restantes operações ser hoje classificadas de moldagem;
- O esforço deve ser feito nas linhas de alturas de Torres Vedras e ser capaz de apoiar uma retirada das tropas inglesas do território nacional;
- A população é recrutada para a construção das Linhas de Torres e para integrar as milícias e ordenanças;
- O povo é obrigado a abandonar os seus haveres e queimar tudo à sua passagem para não deixar sustento ao invasor;
- Este povo armado, milícias e ordenanças, desempenhariam missões de corte de abastecimentos e comunicações dos franceses;
- Após vários contratempos, o cerco de *Ciudad Rodrigo* é montado;
- Depois de uma defesa dura e perspicaz, cai (após 16 dias);
- *Ciudad Rodrigo* vai ser a última grande cidade a dar apoio para a conquista e entrada em Portugal;
- A conquista de Almeida é planeada em *Ciudad Rodrigo*;
- O Côa é palco de uma batalha sangrenta que opõe a vanguarda francesa aos atiradores anglo-portugueses;
- As margens do Côa efectivam-se como um obstáculo importante e potenciam a carnificina da Batalha do Côa;

- Massena torna-se ciente que Almeida não capitularia no prazo que definira;
- Em Almeida pondera-se abrir a praça sem resistir quando chegam as notícias que os ingleses não foram em auxílio de *Ciudad Rodrigo*;
- O solo rochoso torna impossível uma escavação contínua das trincheiras e o tempo que esse processo demora dá aos artilheiros em Almeida um alvo altamente remunerador;
- Adensam-se as acções das milícias e qualquer peça que viesse de *Ciudad Rodrigo* demorava pelo menos dois dias a chegar às trincheiras;
- Os bombardeamentos sobre Almeida não desencadearam mais que pequenos focos de incêndio rapidamente circunscritos;
- A defesa é bastante eficaz na repressão das investidas e fogos de contra-bateria;
- Dia 26 de Agosto uma bomba atinge o castelo no interior da vila onde estava o paiol principal;
- A destruição da vila é quase total;
- Após 11 dias de cerco Almeida cai;
- Mais uma vez se percebe que Wellington não se quer expôr em campo aberto;
- Os franceses estabelecem em Almeida a base de ataque para a invasão;
- Massena opta pela rota do Norte, contornando por aí a Serra da Estrela indo de encontro às expectativas de Welington;
- O efectivo do Exército de Portugal é agora de 45 000 homens; é deixada uma grande porção na guarnição das fortalezas e na defesa das linhas de comunicação;
- Este exército está exausto pelos cercos, pelas emboscadas e pelo terreno que se vêem obrigados a percorrer;
- Os recursos que Massena contava ao longo do eixo estão destruídos pelo fogo e as populações abandonaram as suas casas;
- O estado maior de Massena conta com Viseu e Coimbra como fundamentais para obtenção de víveres e criação de hospitais de campanha bem como para o descanso das suas tropas numa posição facilmente defensável antes de continuar a progressão;
- Os ataques aos abastecimentos do exército francês continuavam e, à medida que se vai aumentando a linha de manutenção, mais longe fica o apoio aos comboios logísticos;
- A 18 de Setembro, a vanguarda francesa chega a Viseu e o resto do exército está disposto ao longo da Beira a sofrer constantes ataques das milícias;
- Viseu revela-se imprestável e as expectativas de aí se estabelecer por alguns dias são defraudadas;
- O Exército de Portugal é agora um conjunto parco de maltrapilhos doentes, esfomeados e cansados;
- É com estes homens que Massena decide marchar sobre Coimbra seguindo pelo Buçaco com a esperança de aí encontrar o sustento que necessita.

São estes os principais resultados obtidos da pesquisa levada a cabo e descrita ao longo dos capítulos relativos a cada sub-tema.

Os factos expostos supra vão, em conjunto com a informação que lhes é inerente, ser discutidos ao longo do próximo capítulo de forma a tornarem possível uma ideia capaz de corroborar com as hipóteses formuladas ou, por outro lado, trazer uma abordagem diferente como resposta às interrogações colocadas no início da investigação.



## 7. Conclusões

Quando há meses atrás assumi o desafio de estudar um tema histórico, para além da inerente investigação documental, teria que perceber decisões e razões que a elas conduziram alguns dos maiores génios militares da Guerra Peninsular. Talvez não tivesse noção da intrincada rede de informação em que me estava a lançar. No decorrer da investigação deparei-me com confrontações antitéticas quando analisados documentos de proveniência britânica e francesa. Muitas vezes valiam-me monografias e documentos simples, de interesse municipal, que tornavam mais fácil orientar o trabalho e a investigação. Estes porém revelavam-se incongruentes e confusos no que respeitava a matérias tácticas e militares.

Foi comum seguir uma pista que, mais à frente se revelou incorrecta em termos oficiais. Igualmente frequente foi deparar-me com lapsos espaço-temporais em que, a determinada altura, não conseguia saber concretamente onde se encontravam as tropas. Pesem embora alguns relatos civis que afirmam a presença de tropas em determinada localidade, estes não são esclarecedores ao ponto de identificarem unidades ou, tão pouco, o seu efectivo. Potenciando ainda a confusão popular, as milícias armadas em diversas circunstâncias podiam ser confundidas como tropa de primeira linha para o povo menos esclarecido.

Em situações semelhantes, deparava-me com transparentes sobre a carta em que tinha unidades separadas por centenas de quilómetros no mesmo dia e que, naturalmente, não eram aceitáveis.

As acções militares concretas assentavam em relatórios concisos e que pouco deixavam para dúvidas, porém, algumas decisões dos comandantes não se encontram explicitamente justificadas em documentos . Foi nestas situações que, só no local, as pude compreender.

Quando introduzi o tema deste trabalho apresentei uma breve síntese histórica da Guerra Peninsular onde figuravam algumas das razões pelas quais determinada campanha (ou invasão) ocorreu, bem como a forma como foi levada a cabo. As razões da escolha do eixo de entrada em Portugal eram acessíveis. Em 1807 o exército comandado pelo General Junot avança sobre Portugal por Castelo Branco seguindo pela bacia do Tejo o caminho mais curto até à capital. Depor o Rei era prática comum dum exército invasor que tinha em vista a sujeição da nação invadida ao invasor.

Junot, que controla o povo da capital, subestima o resto da população e, a determinada altura, o povo de Norte a Sul do território rebela-se contra o invasor.

As populações do Norte revelam-se intrépidas no combate pela Pátria e tornam-se assim um alvo que necessariamente tem que ser neutralizado para a conquista de Portugal. Aliando a força combativa das gentes da província ao facto da corte se encontrar no Brasil, Lisboa perde importância estratégica.

Mais tarde, aproveitando as tropas que combateram na Corunha e aí estavam estacionadas, Napoleão ordena a invasão de Portugal por Norte, aniquilando rapidamente a vontade de combater do povo da província e tomando o Porto para daí sair para Lisboa.

Soult comandava esta segunda Invasão. O General Silveira e as milícias e ordenanças rechaçaram o exército invasor obrigando-o a retirar não sem antes sermos vítimas de saques, violações e pilhagens das forças francesas.

Portugal continua a ser o reduto que falta controlar para o império francês. A conquista de Lisboa falhara e a tentativa de controlar o resto do país partindo de Norte fracassou igualmente. Lisboa tem que ser controlada. As populações do Norte mostraram-se intensamente combativas na defesa das suas terras. Napoleão vê a necessidade de controlar as facções populares e os resquícios da regência na capital. Ao mesmo tempo chegam também a França rumores de que Portugal poderá estar a planear uma contra ofensiva aliada com a Grã-Bretanha.

Por esta altura, o número de militares franceses em Espanha é considerável e, como vimos, Napoleão prepara-se para, ele mesmo, comandar a derradeira invasão a Portugal. Porém, assim não acontece.

Os motivos que levaram Napoleão a não vir em pessoa comandar o *Armee du Portugal* são diversos e encontram-se a montante neste trabalho, importa no entanto avaliar a importância e as repercussões desta decisão na campanha.

São diversas as ocasiões em que se encontram laivos de desconfiança nos seus subordinados, e assim se verificou quando Napoleão nomeia Massena para comandante do Exército de Portugal.

Como, em primeira instância, seria o Imperador a comandar a invasão, ele próprio a planeou de acordo com a sua inspiração. Quando mais tarde as preocupações políticas e pessoais o impedem de marchar sobre a Península, nomeia um dos seus melhores (senão o melhor) marechais para o substituir. As quezílias e desavenças de Massena com Napoleão remontam já às campanhas em Itália, ainda assim o imperador reconhece o seu valor, bem como a importância da missão que lhe vai atribuir.

O marechal Massena, que veemente recusa a primeira nomeação para o comando da operação, acaba por aceder à insistência do imperador. Napoleão já tinha gizada a Invasão, era ele que a comandaria portanto fora ele quem a planeava. Porém, as tramas pessoais e políticas que assombraram a vida do Imperador fazem com que ele entregue o comando ao marechal Massena. Com o ceptro de comando vem também todo o planeamento que Bonaparte fizera.

Da análise da missão que o imperador deu a Massena arrisco-me a delinear uma Intenção do Comandante de acordo com os preceitos actuais.

**Finalidade:** Conquistar Portugal

**Tarefas Chave:** Criar uma base de apoio à invasão em Almeida

Ocupar Lisboa

Não permitir a sublevação das populações

Destruir o exército da aliança

**Estado Final:** Ocupar e controlar política e socialmente Portugal e expulsar os ingleses da Europa Continental.

Massena recebe um compêndio de ordens que canalizam e delimitam as suas decisões remetendo-o para uma posição de comando de certa forma *fantasma*.

Napoleão era um comandante militar cujo génio dificilmente suscitará dúvidas, porém rodeara-se de outros generais igualmente capazes.

Desde as campanhas na Rússia à Espanha, generais seus provaram ser comandantes à altura do império. Ainda assim Bonaparte não se imiscuía de comandar todas as operações.

Considero que o facto de não ter sido Napoleão a comandar o *Armee du Portugal* é um factor importante. Ainda assim, se o imperador tivesse nomeado Massena entregando-lhe o comando efectivo da operação, planeamento e execução ao invés de lhe entregar uma campanha pré planeada à sua imagem com todos os pormenores, talvez a aceitação do marechal fosse diferente e o decorrer da campanha outro.

A intenção do comandante era clara – a conquista de Portugal. Massena, como comandante experiente, saberia certamente ter a iniciativa para cumprir a missão.

O comando da campanha, se caísse inteiramente sobre Massena evitaria episódios como aquele em que Ney se insurge contra o marechal afirmando que só recebe ordens do Imperador.

Numa campanha militar com esta envergadura, a unidade de comando era essencial.

Massena tem um comando difícil, de subordinados marechais e generais muito experientes que se sentem tão comandantes como o próprio comandante. A falta de unidade de comando e de iniciativa do comandante do *Armee du Portugal* é sem dúvida um factor que contribui para o insucesso das operações na península.

As indicações de Napoleão eram claras: sitiar Ciudad Rodrigo, Almeida e seguir pela Beira até Lisboa.

A iniciativa de Massena estava assim limitada desde o início

Não era discutível o cerco de Almeida nem Ciudad Rodrigo. Ainda que essas praças, e sobretudo Almeida, fossem virtualmente inexpugnáveis e a sua preparação tivesse vindo a ser feita há já algum tempo.

Ney, nas *Memórias de Massena* do general Koch, afirma que uma marcha de dois CE directamente sobre Viseu era suficiente para conquistar um ponto de apoio no interior do território; só depois disso se cercaria Ciudad Rodrigo e Almeida.

Era comum a todos os generais que conquistar Almeida e Ciudad Rodrigo era essencial para a conquista de Portugal, porém divergiam as opiniões relativamente à cronologia de tais acontecimentos.

A verdade é que as tropas anglo-portuguesas estacionadas em Almeida estavam estáticas até lhes ser dada luta, o que quer dizer que contornando essa praça inicialmente, não inviabilizaria os ataques das milícias e ordenanças. A diferença residia do efectivo das tropas para lhes fazerem oposição. Não sendo empenhadas na ocupação da praça nem sendo baixas em combate, a força em marcha era substancialmente maior.

Este era um plano cabal de ser estudado em estado maior se a operação não viesse já delineada pelo Imperador.

Conclusões só podem ser tiradas depois da análise de factos. E como factos temos que a capitulação de Almeida deu-se em 28 de Agosto; a vanguarda das tropas francesas chega a Viseu em 18 de Setembro; são 21 dias de marcha. Em *Memorias de Massena* do general Koch, este faz referência ao elevado estado de degradação do equipamento das tropas. São inúmeras as referências ao calçado desgastado e equipamento incapaz de cumprir a sua

missão. Os víveres, para além de demorarem a chegar devido às emboscadas das milícias, foram densamente consumidos durante as operações de cerco.

Estes são os factos tangíveis. Sabe-se no entanto que operações de cerco desgastam psicologicamente os militares, e estes levaram a cabo duas no espaço de um mês. O cansaço físico resultante do abrir trincheiras e de colocar peças em posição alia-se à desmotivação e ao esgotamento psicológico.

As constantes emboscadas de que eram alvo as tropas napoleónicas na beira em nada diminuiriam caso Massena decidisse contornar Almeida. Porém, o ímpeto do ataque como força de choque até Viseu daria certamente às tropas um ânimo diferente daquele resultante do cansaço e desmotivação a que levam as operações de cerco como as que executaram. Marchar com a motivação positiva de que a entrada em Viseu garantiria às tropas alimento, descanso e cuidados sanitários era uma mais-valia para a moral das tropas (mesmo que quando alcançassem Viseu a verdade fosse outra).

A explosão do Paiol em Almeida foi um desafortunado golpe do destino que fez com que a praça caísse depois de 11 dias de cerco. Se o acaso quisesse que uma granada fosse de encontro ao paiol no primeiro dia do cerco o destino seria igual, porém, os planos de Wellington seriam para uma resistência de dois meses.

Vimos no capítulo *a Fortaleza de Almeida* que esta era de uma construção de eficácia comprovada e que só o cerco a poderia fazer capitular. Foi alvo de reparações e refortificações ao longo dos últimos meses a mando do duque de Wellington que a tornaram uma fortaleza quase impenetrável. As guarnições foram reforçadas e incisivamente treinadas por sargentos ingleses. As provisões chegavam para mais de dois meses em combate. Almeida estava preparada para um cerco duro e prolongado. Um factor comum àqueles que defenderam e atacaram Almeida prende-se com a localização da fortaleza perante o rio Côa. Almeida encontra-se aquém Côa para quem vem de Este (Espanha). O rio tornar-se-ia um obstáculo natural importante se a posição fortificada estivesse além deste. A praça poderia fazer fogo sobre as tropas que, obrigatoriamente, atravessassem o rio desorganizando assim as forças numa altura crucial do ataque. Porém, mesmo não sendo a ideal, era esta a posição de Almeida.

Nunca foi intenção do Duque de Wellington que Almeida fosse o reduto que impedisse os franceses de entrar em Portugal, ainda assim, previu que esta operação de retardamento levasse, pelo menos, até ao Outono.

O Outono começa a 22 de Setembro, as tropas atravessam a fronteira a 23 de Julho. Se Almeida resistisse como Wellington previra desde 23 de Julho (data em que as primeiras tropas passam a fronteira) ao início do Outono em 22 de Setembro seriam 61 dias de cerco.

Se paiol não tivesse explodido e as previsões de Wellington estivessem correctas, Almeida capitularia em 22 de Setembro.

Faltava agora marchar sobre Viseu, percurso que durou 21 dias. Sendo a data de chegada a 13 de Outubro.

Virtualmente, negando-se ao combate, as tropas de Massena poupariam 61 dias. Como expus anteriormente, a marcha de Almeida a Viseu que durou 21 dias, em condições de menor cansaço e material em melhores condições, demoraria certamente menos. No entanto, por ser incomensurável a equivalência de cansaço em dias de marcha, entram para as contas dias reais de caminhada – 21. Passando a fronteira a 23 de Julho e lançando-se imediatamente em marcha sobre Viseu, chegariam a esta cidade a 10 de Agosto.

Vejamos, se a capitulação de Almeida durasse tanto como era esperado e se Massena tomasse a decisão de evitar o cerco e seguir para Viseu, os dias poupados seriam a diferença entre 10 de Agosto de 13 de Outubro – 63 dias.

Para tirar alguma conclusão não podemos contar apenas com o factor tempo. O terreno que as tropas teriam que atravessar para alcançar Viseu interfere na equação.

Como se pode ver no capítulo *O Eixo da Beira*, o itinerário escolhido para alcançar Viseu atravessa um terreno inóspito e agreste.

As primeiras tropas francesas alcançam Viseu a 18 de Setembro. Os relatos de Massena nas suas memórias falam de uma cidade vazia de pessoas e recursos. As terras atravessadas até aí estavam queimadas e as populações fugiram e levaram tudo o que podiam.

As ordens de Wellington foram essas. Abandonar as povoações e queimar tudo para que os franceses não tivessem como se reabastecer. Foi assim que as tropas de Napoleão encontraram as aldeias por onde passavam.

Se imaginarmos como seria para alguém ter que abandonar as suas terras, queimá-las, matar o seu gado e deixar a sua casa, percebemos que não fora de maneira nenhuma uma decisão fácil. Convencer as populações a deixar as suas terras não foi certamente um processo fácil nem rápido. Segundo o General Koch haviam ainda alguns anciãos nas aldeias que se recusaram a deixar as suas coisas.

Se o *Armee du Portugal* tivesse avançado desde logo sobre Viseu, teria apanhado incautos alguns destes moradores. De certo nem todos abandonaram as suas propriedades ao mesmo tempo pelo que algumas terras estariam ainda praticáveis se os franceses as alcançassem 3 meses antes. Mesmo que as tropas se cruzassem com alguns desses civis durante o seu deslocamento, os seus bens e produtos passariam para o exército francês.

Tudo isto significaria mais alimento e maior rapidez para o *Armee du Portugal*.

Pesem embora todos estes factos para o eventual sucesso do exército de Massena, falta um importante factor contribuir para a equação.

Atravessar a fronteira a 23 de Julho, atravessar a Beira e alcançar Viseu a 10 de Agosto significa marchar sobre a *Raia Seca* durante o Verão.

Se levar a cabo uma operação de cerco durante o Verão, debaixo do sol da Beira Alta se torna difícil, marchar ao longo de estradas difíceis, poeirentas e sem o conhecimento correcto do terreno que permite a rápida obtenção de água tornar-se-ia um flagelo para as tropas.

Não há forma de contornar esta questão. Só um bom planeamento, fazendo uso de unidades de reconhecimento em vanguarda poderia dar as informações que os oficiais portugueses ao serviço de França foram incapazes de dar por desconhecimento da região.

Por outro lado não podemos descurar o facto de um atraso de 3 meses permitir que mais abastecimentos e reforços cheguem às tropas francesas em Portugal. Nomeadamente, o CE comandado pelo general D'Erlon<sup>20</sup> que poderia avançar em reforço do *Armee du Portugal*.

Assim, poder-se-ia delinear outra modalidade de acção. Se o Exército de D'Erlon integrasse o Exército de Portugal, a ideia de Massena de invadir Portugal segundo dois eixos poderia ser levada a cabo.

Quem optar por seguir um corredor de mobilidade a Sul pode apoiar o seu movimento no rio Zêzere mantendo sempre uma fonte de água disponível. Este corredor mantém uma altitude mais elevada no seu percurso, o que é impeditivo para as tropas. Para além disso, quem o seguir terá que atravessar a serra da Gardunha e da Lousã, esta última com uma vegetação impeditiva para o movimento de homens. Manter tropa em altitude nesta altura do ano, mesmo com uma fonte de água certa, é de todo evitável.

---

<sup>20</sup> Que estava estacionado em Valladolid e em Outubro avança sobre Portugal.

Tendo em conta a disposição das tropas francesas em Castela e na Corunha, o eixo da beira, entre o Tejo e o Douro, é obviamente o melhor. Oferece um itinerário directo ao Portugal nuclear e permite inflectir quer para Norte quer para Sul, para Porto e Lisboa respectivamente.

É esse o Eixo que o *Armee du Portugal* vai seguir. Por indicação do imperador, conquista Ciudad Rodrigo e Almeida e vê-se obrigado a seguir por norte neste eixo. O Eixo da Beira atravessa a Serra da Estrela criando dois corredores de mobilidade facilmente destacáveis. O corredor de mobilidade central fica no enfiamento Almeida - Viseu e é o óbvio para quem, como Massena, estabelece em Almeida uma base firme.

Quem seguir contornando a Serra da Estrela por Sul evita grande parte dos obstáculos hidrográficos e quase todas as cidades fortificadas, no entanto, atravessa uma região que por si só é bastante mais desertificada e mantém-se mais tempo a uma altitude mais elevada do que quem seguir por Norte. Contornar a Serra da Estrela por Sul é entrar num extenso vale entre esta e a Serra da Malcata, tendo ainda que inflectir a Norte para alcançar Viseu. Em suma é desaconselhável seguir por Sul mesmo para quem decida evitar o cerco em Almeida.

Para seguir com a missão para Sul (Lisboa) ou Norte (Porto) é necessário alcançar determinados locais que permitam partir daí com reforços, víveres e cuidados sanitários; para além disso é necessário controlar os itinerários que dão acesso aos objectivos finais. Considerei como Pontos Importantes o Eixo Viseu - Mangualde e Coimbra. Estes pontos são cruciais cruzamentos de caminhos e são cidades que permitem o descanso, reagrupamento e tratamentos médicos. Desta forma é essencial ocupá-los.

A análise do terreno mostra que há uma depressão mais ou menos continuada que une a fronteira a Viseu. Evitam-se as elevadas altitudes da Serra de Estrela e permite o contacto com os recursos hídricos vitais. Permite a travessia de algumas vilas importantes como Pinhel, Trancoso, Guarda, Celorico, Fornos de Algodres e Mangualde que podem ser utilizadas para a exploração de víveres e reagrupamento de forças. Esse corredor é sem dúvida a melhor opção para alcançar rapidamente Viseu. Contornando a praça de Almeida, seguir o corredor de mobilidade a Norte da Serra da Estrela é indubitavelmente o melhor itinerário para alcançar Viseu o mais rápido possível.

O estudo do terreno mostra que Massena tomou as decisões correctas na escolha dos itinerários. Mesmo estando os caminhos em mau estado, era esta a melhor forma de seguir com o objectivo, sendo que uma inflexão a Sul, embora levasse mais directamente a Coimbra, provocaria enormes perdas de tempo na travessia do Zêzere, Mondego e na Serra da Lousã e Gardunha.



Massena de certo esperava um auxílio de peso dos oficiais portugueses ao seu serviço, porém os seus conhecimentos sobre o terreno beirão revelaram-se praticamente nulos. A constante alteração do terreno de acordo com o clima e a força combativa do povo da região eram factores com que mesmo eles não contavam.

A análise dos capítulos a montante e a sua integração numa intrincada formulação hipotética dos acontecimentos leva-me a concluir, com base nos pressupostos supra que:

Em primeiro lugar, o facto de o Imperador não ter comandado pessoalmente o *Armee du Portugal* foi o primeiro grande obstáculo ao sucesso da Campanha;

O marechal Massena podia cumprir a missão do *Armee du Portugal* tendo já dado provas das suas capacidades em terreno semelhante (montanhas italianas). Porém, a desconfiança que Napoleão nutria por aqueles que tinham elevados cargos de poder (como o Marechal) fá-lo guardar em si (em parte) o poder de decisão da Campanha. Isto engloba planeamento, escolha de subordinados e tácticas. O Marechal Massena fica assim inibido da sua iniciativa e ele e o seu estado maior impedidos de decidir mediante a observação dos factos e a inspiração do momento. Exemplo disso foi a modalidade de acção proposta pelo general Ney que, ao longo do trabalho, acabou por se revelar a mais acertada no momento que este a elaborou. O eixo escolhido, tendo em conta os Pontos Importantes definidos *a priori*, fora efectivamente o que melhor se adaptou à missão atribuída.

O cerco a Ciudad Rodrigo e Almeida, como Ney previra, se fosse remetido para uma segunda fase da Campanha, permitia colocar forças no Portugal nuclear, chegar primeiro e sem perder o ímpeto, alcançar com menos baixas os Pontos Importantes e estabelecer uma base firme para chegar a Lisboa e Porto partindo de Viseu. Os reforços franceses que Massena aguardava ficariam então a sitiar as fortalezas portuguesa e espanhola sendo que já não seriam necessárias como uma base de apoio para a invasão.

Das Tarefas Chave que atribuí à Intenção do Comandante Napoleão, apenas a de constituir uma base de Apoio em Almeida se verificou, todas as outras falharam bem como a Finalidade e o Estado Final Pretendido.

Da Fortaleza de Almeida resta-me prestar a homenagem àqueles que heroicamente defenderam uma praça na certeza que esta ia ser atacada com o grosso do melhor exército do mundo e mesmo assim, com abnegação a defenderam.

Do Eixo da Beira a ressalva que hoje, 200 anos mais tarde, continua a ser eventualmente o melhor eixo “terrestre” de entrada em Portugal.

## Referências bibliográficas

- AAVV. (2005). *Guerra Peninsular – Novas Interpretações*. Tribuna da História, Lisboa.
- ALMEIDA, João de (1943). *Livro das Fortalezas de Duarte Darmas*, Editorial Império, Lda, Lisboa.
- ALMEIDA, João de (1945). *Roteiro dos monumentos militares portugueses*, ed. de autor, Lisboa.
- ALMEIDA, Tereza Caillaux de (2010). *Memória das “Invasões Francesas” em Portugal*, Ésquilo, Lisboa.
- BOTELHO, J.J. Teixeira (1915). *História Popular da Guerra Peninsular*, Livraria Chardron , Porto.
- BUTTERY, David (2007). *Wellington contra Massena - A Terceira Invasão de Portugal 1810 – 1811*, Gradiva, Lisboa
- CÉSAR, Victoriano José (1910). *Invasões francesas em Portugal – 3ªParte – Invasão Francêsa de 1810*, Typographia da Cooperativa Militar, Lisboa.
- DOW (1944). *FM 5-15 Field Fortifications*, Department of War, Washington.
- EME (1982). *Elementos para a defesa da zona de operações terrestre (ZOT) de Portugal*, Estado-Maior do Exército, Lisboa.
- EME (2005). *Regulamento de Campanha - Operações*, Estado-Maior do Exército, Lisboa;
- EPI (2009). *Preparação do Campo de Batalha pelas Operações*, Escola Prática de Infantaria, Mafra.
- HENRIQUES, Cor (1989). *Apontamentos de História Militar*, IAEM, Lisboa.
- KOCH, General Jean (2007). *Memórias de Massena – Campanhas de 1810 e 1811 em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa.
- MATTOSO, José (1994). *História de Portugal - Antes de Portugal - Vol. I*, Estampa Lisboa.
- MDN (2007). *PDE 5-00 Planeamento Tático e Tomada de decisão*, Ministério da Defesa Nacional, Lisboa.

OMAN, Sir Charles (1996). *A History of the Peninsular War*, 7 Volumes, Greenhill Books, London.

OMAN, Sir Charles (1913). *Wellington's Army 1809 – 1814*, Edward Arnold, London.

PIRES, Nuno Barrento Lemos e VALENTE, Augusto Monteiro (2006). *Almeida e as Invasões Francesas*, Câmara Municipal de Almeida, Almeida.

QUINTELA, Santos (1910). *A Guerra Peninsular e as victorias do exército anglo-luso-espanhol*, J. Ferreira dos Santos, Porto.

QUIVY, Raimond e CAMPENHOUT, Luc (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa.

RIBEIRO, Artur (1901). *Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão*, Livraria Ferin, Lisboa.

RODRIGUES, TCor J. F. de Barros (1936). *História Militar - Guerra Peninsular*, Escola Militar, Lisboa.

SILVA, Álvaro e AMORIM, Ana (1990). *Estimação da Temperatura Média do Ar em Portugal Continental - Utilização, Comparação e Avaliação de alguns Métodos de Interpolação em SIG*, IST, Lisboa.

SILVA, Valentim da (1978). *Concelho de Mangualde – Antigo concelho de Azurara da Beira*, Câmara Municipal de Mangualde, Mangualde.

TEIXEIRA, Nuno Severiano e BARATA, Manuel Themudo (2004). *Nova História Militar de Portugal*, Vol. 3 – *A Revolução Francesa e as Invasões Napoleónicas*, Circulo de Leitores, Lisboa.

VICENTE, António Pedro (2000). *O Tempo de Napoleão em Portugal: Estudos históricos*, Comissão Portuguesa de História Militar, Lisboa.

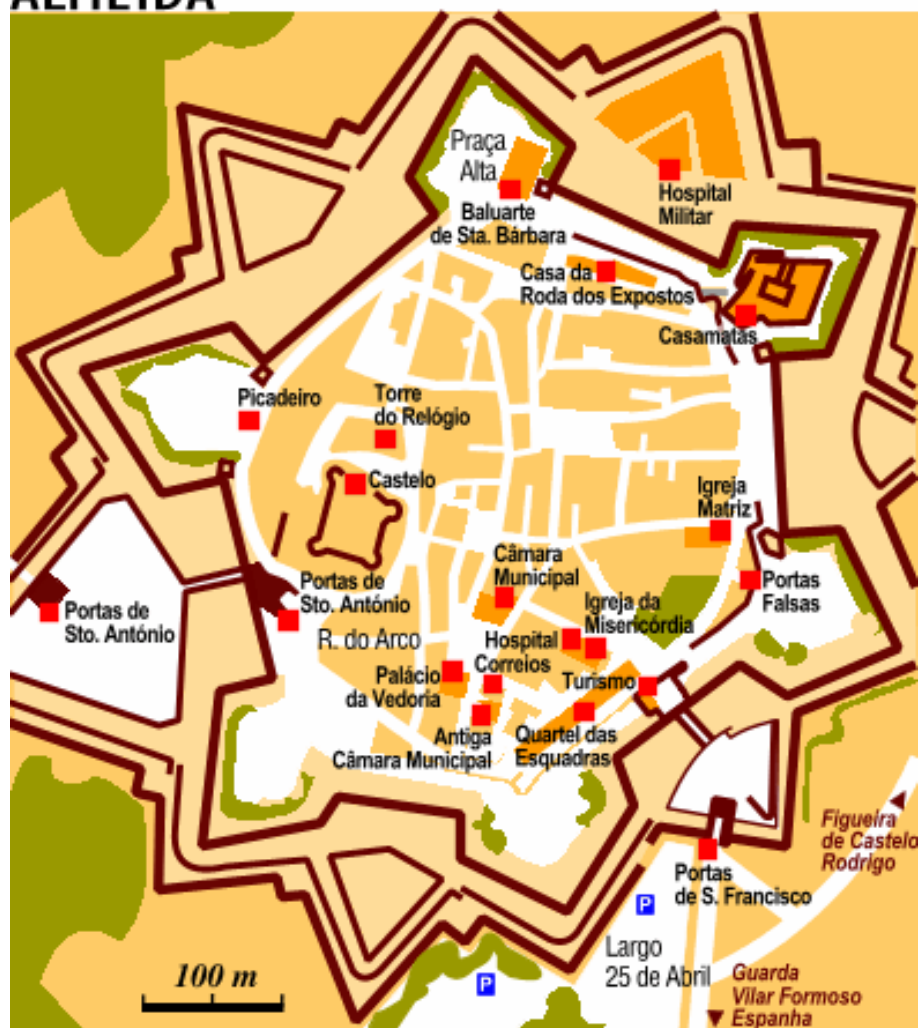
Documentários:

CILLA, Niko Roa (2007). *O Erro de Napoleão*, Canal História.

## Anexos

## Anexo E

### ALMEIDA



Fonte: Turismo - Câmara Municipal de Almeida

## Anexo F

Revelim e baluartes de S. João de Deus e S. Francisco



Filipe Pina 2010

## Anexo G

Revelim e Porta de Stº António (ao fundo, o terreno montanhoso e árido da Beira Alta).



Filipe Pina 2010



## Anexo H

### Margens do Côa



Filipe Pina 2010



## Anexo I

Ponte do Côa



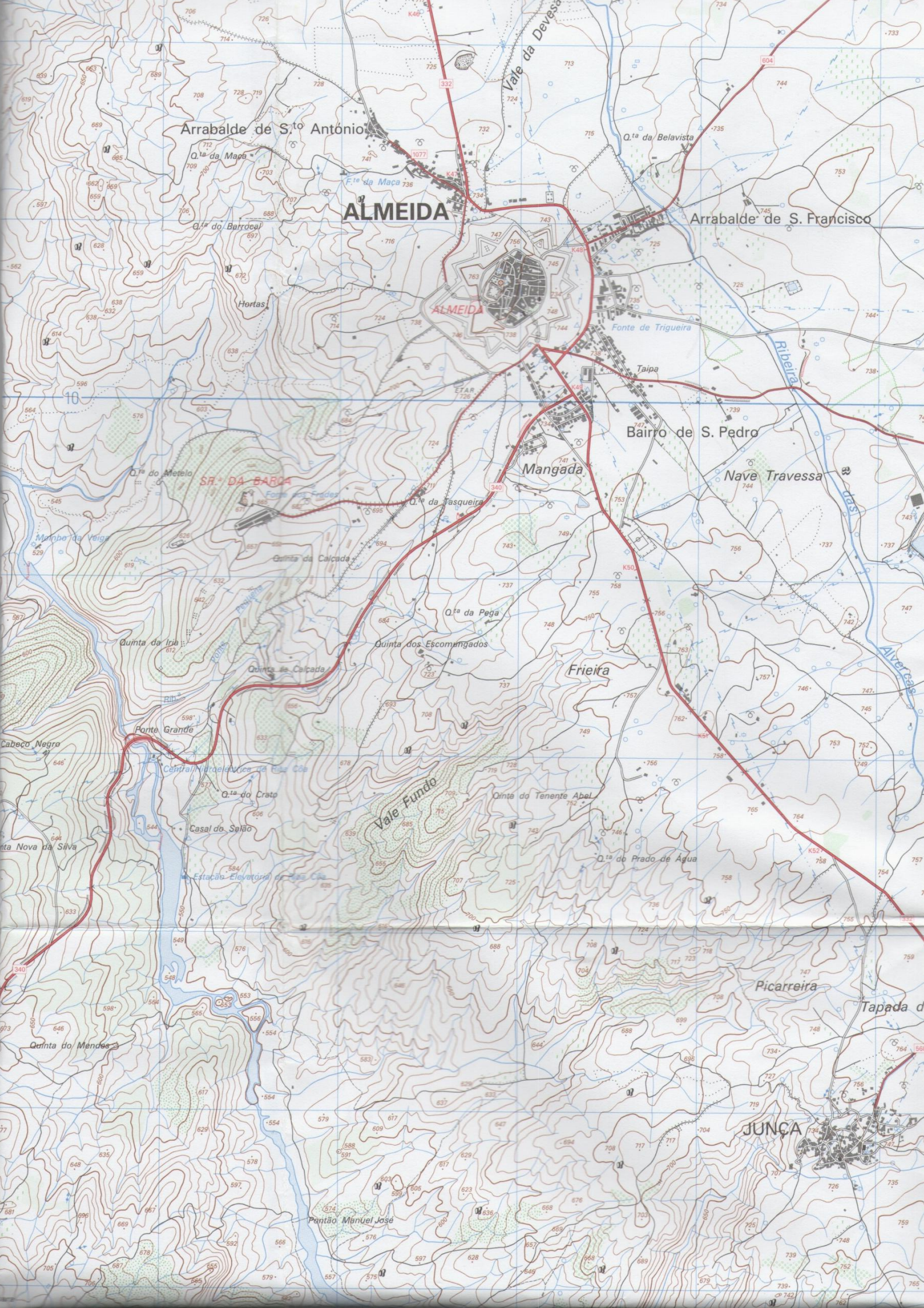
Filipe Pina 2010



## Anexo J

- A - primeira linha de trincheiras
- B - segunda linha de trincheiras
- C - moinho entrincheirado
- ° - baterias de artilharia





Arrabalde de S.º António

ALMEIDA

Arrabalde de S. Francisco

Bairro de S. Pedro

Mangada

Nave Travessa

Frieira

Picarreira

JUNÇA

Vale Fundo

Quinta do Tenente Abel

Pantão Manuel José